

ele

A GATA DO ANO

LUIZA *Brunnet*

JOHN TRAVOLTA

“NÃO SOU UM
SÍMBOLO SEXUAL”

PAQUERA

CANTADAS
INFALÍVEIS

CRÔNICA

LETRAS DE
RUBEM BRAGA E
ARTES DE CARYBÉ

TESTE

VOCÊ É
INTELIGENTE?

MANUEL PUIG

“NOBEL É COISA
DE VELHO”

AUTOMÓVEIS

O LUXO E
O REQUINTE
NO SALÃO

MODA

JEANS PARA
O VERÃO

NOSTALGIA

AS CERTINHAS
DO LALAU

VAMPIROS

A SEDUÇÃO NO
TERROR

ESTRÉIA

PERGUNTE AO
BARÃO



DIJON

Renato Sérgio

Carybé

Rubem Braga

Flávio Marinho

Léo e as baronetes



Fred e Nilton



Neila Tavares



Souto-Maior José Guilherme e Puig



Indalécio Wanderley

AS BOAS DO MÊS

Escolher quinze nomes que mais se tenham destacado no ano que termina foi uma tarefa árdua que por mais de um mês preocupou nossa redação, temerosa de uma decisão fácil, que acabasse por premiar falsos valores. Só não foi difícil eleger a Gata do Ano, porque a imagem de Luiza Brunnet, presente na cabeça de todos, ganhou unanimidade, e ela está aqui de novo, fotografada por Indalécio Wanderley em Olinda e Itamaracá. Mas para a seleção dos demais destaques, pedimos socorro a uma comissão de dez jurados, que conosco dividiram a responsabilidade, e a lista final é realmente representativa do que houve de melhor em termos de gente, em 1981. Confirmam na página 80 os nomes que serão homenageados dia 7 de dezembro, no Castel.

Esta edição de festas traz também a estreia de uma seção de consultas sobre assuntos de sexo, assinada pelo Barão, ou melhor, Léo Borges Ramos, autor do célebre *Relatório Barão*, ao mesmo tempo sério e divertido artigo de análise do comporta-

mento da mulher brasileira. Também de Léo Borges é a matéria sobre as *Cantadas Infalíveis*, um guia seguro para o sucesso da paquera.

José Guilherme Mendes entrevista Manuel Puig, escritor argentino que escolheu o Rio para domicílio e aqui prepara seu romance brasileiro. A linda cabeça de Neila Tavares faz lucubrações sobre os vampiros, e conclui que eles estão mais para a sedução que para o terror. Rubem Braga escreve sobre seu compadre Carybé, com ilustrações deste

notável portenho-baiano. Marco Antônio Souto-Maior mostra o luxo e o requinte dos modelos de linha e fora-de-série apresentados no Salão de Automóvel.

Nilton Ricardo, fotógrafo, e Fred Ayres, editor de moda, dão as dicas dos *jeans* para este verão. Renato Sérgio relembra as *Ceratinhas do Lalau*. E Flávio Marinho conversa com John Travolta, que não quer ser um mito sexual.

Boas festas.

Lincoln Martins

A qualidade faz diferença

Com Yashica, a fotografia toma um novo rumo. Este caminho é o da tecnologia avançada em câmaras fotográficas duráveis, inteiramente automáticas e de grande precisão.

Com olho do fotômetro incorporado no mecanismo que controla luz e velocidade, e trava de segurança no obturador para pouca luz. E ainda um disparador para incluir você na foto. É por isso que com Yashica não tem erro! A foto sai com certeza, nítida e perfeita. Se você se importa com qualidade e quer a melhor câmara brasileira, então tem que ser Yashica.

Exportada para mais de 100 países, inclusive Japão.



YASHICA



6	Tira-gosto	dicas
12	Manuel Puig Um retrato falado e escrito do autor de <i>Púbis Angelical</i> , por José Guilherme Mendes.	perfil
18	Xaviera Fotos de S. Carter, da revista <i>Lui</i> .	mulher
27	Panorama Críticas e comentários sobre música popular, música clássica, cinema, teatro, alpinismo e ecologia.	colunas
36	A sofisticação dos modelos 82 A nova tendência dos carros brasileiros, numa análise de Marco A. Souto-Maior.	automóveis
46	Você pensa que é inteligente? O seu QI segundo os padrões da instituição americana Mensa.	teste
54	Vampiro, esse terrível sedutor As origens e versões do mito do terror pesquisadas por Neila Tavares.	ensaio
60	Luiza Brunnet, a Gata do Ano Fotos de Indalécio Wanderley.	mulher
70	Cantadas infalíveis As técnicas para seduzir as gatas mais deliciosas, por Léo Borges Ramos.	serviço
76	Rubem & Carybé Rubem Braga escreve sobre desenhos de Carybé, feitos no interior da Bahia.	arte
80	Gente fina Os destaques de 81.	seção
82	Jeans Todas as tendências deste verão.	moda
88	As certinhas do Lalau Carta a Sérgio Porto, escrita por Renato Sérgio.	crônica
92	Suzette Fotos de S. Carter, da revista <i>Lui</i> .	mulher
96	John Travolta Uma entrevista com o ator de <i>Um Tiro na Noite</i> , por Flávio Marinho.	cinema
99	Panorama Mais críticas e comentários sobre televisão, livros, rock & jazz, espaço, artes visuais e habitat.	colunas
108	Pergunte ao Barão	consultório
110	Danielle, a Gata do Ano de <i>Penthouse</i> Fotos de Bob Guccione.	mulher
116	Cartas	seção
122	Forum	erotismo

Capa: Luiza Brunnet, foto de Indalécio Wanderley

SUMÁRIO



Xaviera, página 18



Luiza Brunnet, página 60



UM SUCESSO NA FRENTE E POR TRÁS (DAS CÂMARAS)

Está vendo esta gata? Pois é, depois de dois títulos de Miss Objetiva — 78 e 79 — e desfiles de moda, ela está aprendendo a fotografar. Ou seja, depois de brilhar na frente das câmaras, está descobrindo os segredos por trás das lentes. Claro, Márcia Amil, você pode ser fotógrafa, mas nós preferimos vê-la diante das objetivas.



Foto Cervasio Baptista

VIENA VAI ESTAR EM PÉ DE VALSA

Este ano, pela primeira vez, 15 brasileiros estarão no *réveillon* das cabeças coroadas, o Kaiserball, em Viena. A festa acontece todos os anos no Palácio Imperial de Hofburg, onde morou e reinou Francisco José, o último imperador do Danúbio. Porém, como a realeza cada vez procria menos, os plebeus — os homens encasacados e as mulheres de longos — são a grande maioria dos presentes. Tem até turista americano de condecorações, quando se sabe que só se pode usá-las em festas oficiais. E é essa mistura que faz do Kaiserball um luxo. Seu requinte chega ao extremo de as orquestras serem regidas pelo maestro Herbert von Karajan. A presença dos brasileiros este ano corre por conta de uma combinação do Departamento de Turismo da Áustria com a Passabra Turismo, a mesma que levou um grupo brasileiro para o *Royal Wedding* de Charles e Di. Já fiz minha listinha de contradanças para o Kaiserball: Grace Kelly e Princesa Carolina de Mônaco (mãe e filha), a estilista e Princesa Diana von Fürstenberg e a Princesa de Gales (Di). E mandei escovar minha casaca. (Jeff Thomas)



QUAL A COR DO MEU TELEFONE BRANCO?

Quem inventou o telefone colorido foi Nikita Krushev, que conheci no inverno de 61, numa sacada do Kremlin. Ele reuniu a *press* e soltou a bomba: revelou que tinha o hoje famoso telefone vermelho para falar diretamente com Kennedy na *White House*. Desde então, o telefone está mais para Walt Disney do que para Graham Bell: tem aparelho de tudo quanto é cor. Aqui, na minha *penthouse*, tenho um vermelho para as ligações locais e nacionais e um branco só para chamadas internacionais. Quando o branco toca de madrugada, eu atendo sem susto, porque só pode ser de Hong Kong (onde morei três anos), Londres, Viena, Paris ou Nova Iorque. Poucas pessoas têm o nú-

mero do internacional: o François Mitterrand, o Príncipe Charles, o Mário Soares (me telefona sempre para consultas), a Carolina de Mônaco (depois da separação), a Margareth Trudeau (para falar da separação de Pierre), a Christine Onassis (antes de ficar gorda), a Barbra Streisand (para cantar), a Melina Mercouri (para falar do socialismo à la grega), a Gina Lollobrigida (para eu pedir ao Justino para publicar as fotos dela na *Manchete*), o Frank Sinatra (para saber se ainda é citado nas colunas sociais) e o Marzagão (para insistir comigo para visitar o México). (Jeff Thomas)

CABO FRIO: A LONGA FESTA DE ANIVERSÁRIO

Cabo Frio comemorou em novembro, com um mês de festas, os 366 anos da cidade. Gatinhas e gatões arrempiando no IV Festival de Surfe e gente boa de gogó dando o recado no II Festival de Música. Os craques locais e de municípios vizinhos — São Pedro da Aldeia, Macaé e Araruama — terçando canelas num torneio de futebol. E um júri, do qual participou o editor de ELE ELA, Lincoln Martins, julgando as melhores imagens apresentadas em exposição e concurso de fotografias. A Prefeitura inaugurou diversas obras públicas e no dia do aniversário 13 houve até desfile cívico e baile popular.

EM BUSCA DOS RASTROS DE SERES MISTERIOSOS

O monstro do Lago Ness e outros animais que estão no limiar do mito e da realidade têm agora uma boa chance de entrar para o acervo da ciência. Biólogos de todo o mundo, estimulados pelo

entusiasmo de seu colega Roy Mackal, da Universidade de Chicago, juntaram esforços para fundar a Sociedade Internacional de Criptozoologia, que se dedicará a confirmar, com pesquisas científicas, a existência desses seres misteriosos. Mackal está agora na África Central à procura de pistas do mokele-mbembe, espécie de criatura parecida com um dinossauro.



ANO-NOVO EM NOITE PRATEADA

O melhor *réveillon* deste ano, no Rio, será o que a Riotur está organizando com o nome de Noite Prateada na Bahia. Será no gramado do Fluminense, sob um toldo à moda de circo, com três mil metros de plástico. O baile contará com várias atrações: o Trio Elétrico de Dodô e Osmar; passistas, porta-bandeiras e mestres-salas de todas as escolas de samba do primeiro grupo; representantes do bloco Canarinhos das Laranjeiras; e a Orquestra Tabajara de Severino Araújo animando o baile. A decoração está sendo preparada por Joãozinho Trinta. Três relações-públicas se encarregarão de cada tipo de convidados: a atriz Maria Pompeu receberá a classe artística; Dulce Velloso (esposa do dono das Casas da Banha) receberá o soçaite, e o presidente do Fluminense, Sílvio Kelly, cuidará dos astros do futebol. Para completar a festa, haverá o sorteio de duas passagens Rio-Madri-Rio, obviamente para a Copa do Mundo. (Léo Borges)



AS NINFETAS DE ZYGMUNT NA SUA ILHA DO AMOR

Para realizar seu 28.º filme, *A Ilha do Amor*, o cineasta Zygmunt Sulistowski — natural da Polônia, mas naturalizado brasileiro há 36 anos — precisava de 15 jovens em idade universitária. No entanto, ele não encontrou atores conhecidos na faixa etária que precisava e, por isso, decidiu procurar novos talentos através de anúncios nos jornais cariocas, visitas às praias, universidades e agências de mo-



delos. Assim, acabou entrevistando mais de 600 candidatas, dentre as quais a cari-quinha Morgana Bittencourt (na foto, sentada com o também novato Michael Cipra) e a mato-grossense Valéria Belpy (com Daniel Ingber, também estreante). Morgana e Valéria acabaram fazendo os papéis principais nesse filme de aventuras e de amor, rodado na Ilha Bonita, Estado do Rio, e em Paris. Para quem gostou do tira-gosto dessas duas tentadoras ninfetas, desde já podemos anunciar que elas

estarão mostrando todo o seu charme, ao natural, nas páginas de ELE ELA do próximo mês. (Léo Borges)

OS JOVENS SE ENCONTRAM ÀS SEGUNDAS COM MUITO SOM E BAILE

Segunda-feira é dia de encontro da *Geração Jeans*, que se reúne todas as semanas, a partir das 19 horas, no Canecão, para dançar e curtir um som. Cada semana, tem *show* de artista nacional

Grand Prix S. O radial de aço que rima bem com seu carro.

GOODYEAR
A marca que fala
a língua do aço.

ou internacional. A qualidade do som está a cargo de equipes como Hollywood (mais de dez toneladas de equipamentos de luz e som), Furacão 2.000, Pop Rio, Myru's, Cash Box, Meta Som e outras. No encontro de estréia, receberam o troféu *Jeans Parade* os campeões de execução e vendas (discos).



FÉRIAS EM CASA COM TALENTO E ECONOMIA

Uma boa para quem vai ficar em casa nas próximas férias: fabricar móveis, brinquedos para os filhos, dar um alô na decoração da casa, fazer concertos e pequenas instalações. Tudo na base do "faça você mesmo". E nada melhor do que uma boa furadeira elétrica para abrir uma brecha nestes tempos bicudos. A Bosch do Brasil está lançando a sua linha Hobby, uma pedida para os operosos chefes de família, cada vez mais numerosos, principalmente na classe média, tornando produtivo o merecido ócio remunerado. O conjunto é acompanhado por um manual que dá as dicas sobre utilização e projetos para criação de arranjos de parede, móveis e brinquedos, um verdadeiro incentivo aos hobbistas juramentados. Ampliando as possibilidades de uso da Hobby, a Bosch lançou também acessórios opcionais para aplicação em afiação, polimento, lixamento e outros fins.

COMECE A FAZER A CABEÇA DA SUA GATA PARA A NOVA ESTAÇÃO

É bom já ir se acostumando porque o que vai ter de gatinhas no verão desfilando esses penteados new wave não está nem nos programas de computa-

dores. Quem está aqui mostrando essa versão bem comportada do Punk é a Tânia Louise, estrelinha do *Planeta dos Homens* e modelo fotográfico: já apareceu na *Manchete*, *Desfile* e *Interview*, e, agora, por enquanto vestida, dá uma palhinha em ELE ELA, prometendo voltar muito breve a estas páginas numa apresentação ao natural.

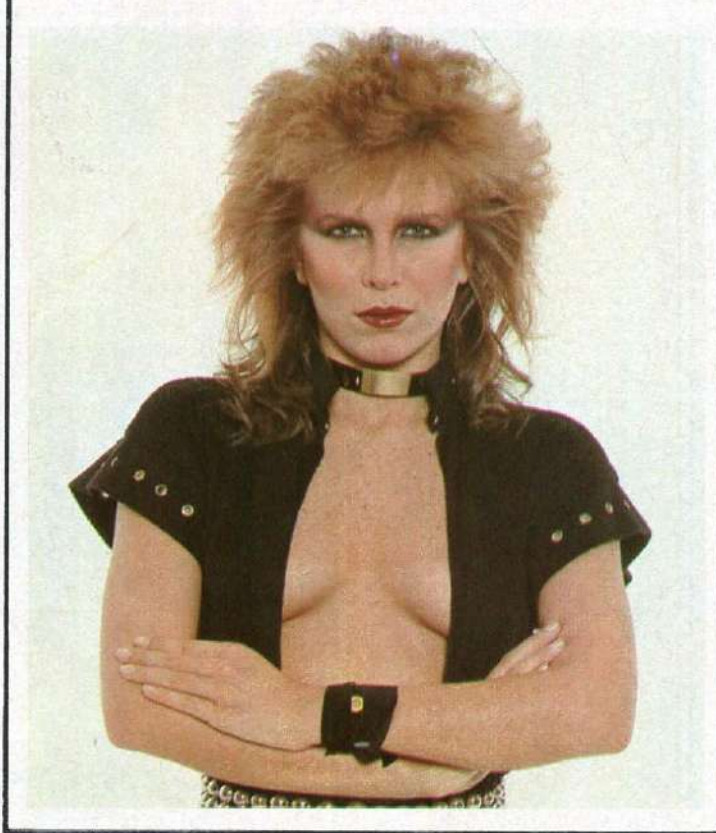


Foto de Gilberto Cavalcanti/Produção de Fred Ayres/Maquilagem de Elmer e cabelo de Waldir, do Salão Luciano's

SOBRE AS ÁGUAS COM MUITO JOGO DE CINTURA

Aqui está a nova curtição que vai pintar pelas praias, rios, açudes, piscinas, lagos e lagoas neste verão: o Fun Bug. Ele serve, como bôia para banhos de sol, como meio de transporte entre o barco e a praia, como veículo para corrida aquática e tudo mais que excite a imaginação. Pode ser conduzido no bagageiro do carro: pesa apenas 18 quilos e mede 1,42mx1,16mx4,20m. Para movimentá-lo sobre as águas, basta ter jogo de cintura, pois ele se desloca à

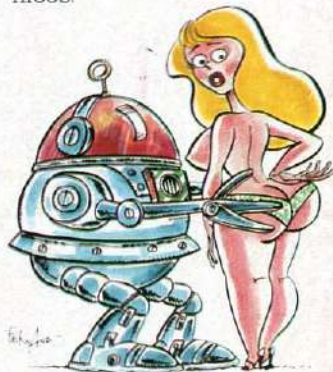
porais, que alternam seu centro de gravidade. Fun Bug é patente americana; na América Latina, ele é fabricado com exclusividade pela Alpina, uma indústria de termoplásticos com sede em São Paulo.



Foto Ernani d'Almeida/Produção Fred Ayres

ESTA DARWIN NÃO SACOU: O ELO CIBERNÉTICO

O próximo elo da evolução do homem poderá vir a ser estranho ao mundo animal, porém bastante familiar à nossa cibernética civilização. De acordo com Hans Moravec, um especialista em robótica do Instituto de Carnegie, nos Estados Unidos, dentro de 30 anos os computadores serão mais inteligentes do que os homens, e os robôs mais duráveis do que o corpo humano. Em consequência, as pessoas substituirão partes de sua frágil carcaça por robustas carapaças de robôs, e suas cucas falíveis por superdotados cérebros eletrônicos.



Em primeiro lugar, prevê Moravec, as pessoas programarão computadores com réplicas exatas de seus padrões cerebrais. Depois de processados, esses programas possibilitarão a seus felizes proprietários pensar milhares de vezes mais rápido. O passo seguinte, segundo o cientista, deverá ocorrer quando os andróides começarem a ter desejos de individualidade e a querer compartilhar programas com os seus programadores.

Mas os lucros serão mais apreciáveis do que os riscos eventuais. Se, por exemplo, um professor precisar fazer um armário, poupará tempo e dinheiro simplesmente utilizando-se da memória de um carpinteiro. E como as pessoas poderão selecionar memórias e descartá-las livremente, o conceito de personalidade será comple-

Free again, rapaziada.

A maior fabricante mundial de motocicletas, continua inventando moda.

A moda descontraída e vibrante.

Para as pessoas que querem viver a cores e não em preto e branco. Estes são alguns dos artigos da linha

Honda Way que você encontra em todos os revendedores do Brasil.

Acerte o seu caminho.
Honda Way of life.

HONDA
WAY *of life*



HONDA



Jean Marcell®

Coleção Verão 82



“De 0 a 100 em 14,2 segundos.”

“De 0 a 80 em 8,9 segundos.”

Para conhecer melhor o Fiat Racing, só dando uma voltinha. Repare no seu interior. Você já viu um revestimento tão esportivo e tão sofisticado ao mesmo tempo?

Agora olhe o painel. Está tudo aí: conta-giros eletrônico, voltímetro, manômetro de óleo, velocímetro com hodômetro totalizador, indicador de temperatura da água e um sistema completo de luzes-espia para você ter o controle do carro só de bater os olhos.

Não dê a partida ainda. Antes, experimente a empunhadura espumada do novo volante de 4 raios.

Agora dê a partida. E prepare-se para sentir as emoções que só essa obra-prima da engenharia mecânica é capaz de oferecer. Ouça o ronco do motor. Está sentindo como ele é suave, o carro não trepida? É lógico: o motor e o câmbio estão localizados em posição transversal, o que garante melhor equilíbrio, e os cinco mancais tornam a rotação mais macia e mais silenciosa.

Acelere para sentir o torque de 10,8 kgm e a potência dos 72 CV do motor 1300 cc do Racing.

Acelere para valer

Viu como o motor do Racing responde rápido? 30..40..60..80 km/h em 8,9 segundos cravados. Surpreendente, não? Entre na curva sem tirar o pé. Viu que estabilidade? Confesse, o Fiat é o carro mais estável que você já guiou. E com o novo spoiler no teto, nem se fala. Na hora de parar, o Racing também é rápido. Ele tem freios com duplo circuito hidráulico e válvula corretora de freada no eixo traseiro. Gostou da voltinha?

Agora vamos para uma Concessionária Fiat, que tem mais gente querendo ver e experimentar o Racing.

FIAT

147 Racing



Oriente-se.



Para se orientar na compra de um relógio você não precisa sair desta página.

Na direção que olhar, de cima a baixo, de um lado a outro, você estará sempre no rumo certo.

E onde você se fixar, no ponto escolhido, você terá se decidido por um produto da melhor qualidade.

Simplesmente porque todo

Orient, qualquer Orient, é sempre o resultado da mais avançada tecnologia, do mais elaborado design, da melhor técnica de precisão.

Se você escolher um Orient automático, ele será um relógio robusto, de aço inox, à prova d'água e choque. Produzido para atender todas as condições climáticas do país.

Se você preferir um Orient quartz, além de tudo ele será ultra-moderno, sofisticado e exatamente igual a outros milhares de Orient que fazem sucesso em 130 países.

No Brasil os relógios Orient são produzidos na Zona Franca de Manaus e lhe dão mais uma prova de qualidade: vêm com certificado de garantia e garantia

de assistência técnica.

Oriente-se, orientar-se. A palavra não consta nos dicionários com este sentido, mas significa: comprar o melhor relógio.



ORIENT

RELOGIOS DA AMAZONIA
Produzido na Zona Franca de Manaus.

Xaviera

Fotos de S. Carter
Copyright 1981 revista *Lui*

Leitora assídua da *Viagem ao Redor do Meu Quarto*, de seu patrício Xavier de Maistre, ela não sai de seus aposentos, onde passa as horas mais felizes de seus dias. Não é à toa que se chama Xaviera. No momento, está pensando seriamente em escrever suas memórias. Difícil vai ser lembrar de todos.



Xaviera

Fotos de S. Carter
Copyright 1981 revista *Lui*

Leitora assídua da *Viagem ao Redor do Meu Quarto*, de seu patrício Xavier de Maistre, ela não sai de seus aposentos, onde passa as horas mais felizes de seus dias. Não é à toa que se chama Xaviera. No momento, está pensando seriamente em escrever suas memórias. Difícil vai ser lembrar de todos.







“
Passo horas
intermináveis no
trocador, curtindo
cada parte do
meu corpo, como um
avarento a zelar
por seu tesouro
”



A woman with blonde hair is lying on a cane chair, partially covered by a light blue blanket. She is looking towards the camera with a slight smile. The chair has a wooden frame and a cane backrest. The background is dark.

Os amigos mais
íntimos admiram esse
meu ar de non chalance nos
momentos críticos
da viagem ao redor
do meu quarto



*Os amigos mais
íntimos admiram esse
meu ar de non chalance nos
momentos críticos
da viagem ao redor
do meu quarto*



“
*Depois de cada
dia, nunca chego ao
fim da linha.
Pelo contrário, estou
sempre voltando
ao ponto de partida*
”



PANORAMA

ELE ELA N.º 151 — 1981

música popular

ALGUNS DISCOS IMAGINÁRIOS, UM (INFELIZMENTE) NAS LOJAS

João Máximo

A morte de Mário Reis, a 5 de outubro, mais uma vez nos desperta para o pouco caso que parece merecer, no Brasil, o valioso acervo gravado pelos grandes intérpretes da música popular. Quem foi às lojas, logo após o desaparecimento do criador de *Agora É Cinzas*, na esperança de comprar seus discos, certamente ficou frustrado. Tudo o que encontrou foi um único LP, uma coletânea editada pela Odeon em 1978 e assim mesmo não muito representativa, pois a maioria das faixas é de gravações mais recentes, de uma época em que Mário Reis já guardava muito pouco de sua voz, de sua bossa e mesmo de seu inconfundível estilo.

Não é preciso citar os exemplos americano e europeu para deixar claro que o

pouco caso é muito nosso. Aqui mesmo, na América do Sul, mais precisamente na Argentina, temos elogiáveis demonstrações do quanto os grandes intérpretes da música popular podem e devem ser preservados: todos os discos gravados por Carlos Gardel continuam em catálogo, devidamente recuperados pelos modernos processos de reconstituição técnica, enquanto outros nomes importantes da história do tango, não apenas



Mário Reis: por que não reeditá-lo nas gravações originais? Pelé em dupla de meio-campo com Jair Rodrigues: pisando na bola e chutando para as gerais.

cantores como Agustín Ma do Sul, mais precisamente na Argentina, temos elogiáveis demonstrações do quanto os grandes intérpretes da música popular podem e devem ser preservados: todos os discos gravados por Carlos Gardel continuam em catálogo, devolução pós-João Gilberto — talvez ainda não tenha percebido a importância histórica de Mário Reis, criador de um estilo, responsável pelo abasileiramento do canto popular, em oposição à escola seguida por Vicente Celestino, Francisco Alves e outros cultores, menos ou mais ilustres, do chamado *bel canto*. Mas a importância de Mário Reis não se resume a essa divisão de águas. O seu bom gosto na escolha do repertório, por exemplo, é único. De tal forma que, nos poucos anos em que se dedicou ininterruptamente à música popular (1929-



36), lançou alguns dos maiores clássicos da chamada *época de ouro*, a começar pelo imortal *Jura*, que nem Aracy Cortes conseguira transformar em sucesso.

Por que não reeditar esses clássicos e outras *performances* de Mário Reis nas gravações originais? Em suas sempre misteriosas idas e vindas, o personalíssimo cantor teve sua voz registrada em cinco selos: Odeon, Victor, o antigo Columbia (hoje Continental), o próprio Continental e o Elenco. Mas o principal de sua obra está, mesmo, nos dois primeiros. Por isso, recorrendo aos arquivos e um pouco à imaginação, aqui vão algumas sugestões para o que poderíamos chamar de série de relançamentos em busca do Mário Reis perdido.

Para começar, em dois volumes ou mesmo num álbum duplo, discos a que a Odeon poderia dar o título de *Mário Reis & Francisco Alves — os Encontros Musicais do Rei da Voz com o Bacharel do Samba*. Neles, as 23 faixas que os dois grandes cantores registraram em duetos que marcaram época, desde o lamentavelmente esquecido *Deixa Esta Mulher Chorar*, de Brancura ("Amei e não venci/Outro não amou venceu/Foi protegido da sorte/Foi mais feliz que eu..."), ao derradeiro *Fita Amarela*, de Noel Rosa. Passando, naturalmente, por obras-primas como *Quá, Quá, Quá* (terá sido mesmo Mauro Santos o seu autor?), *Se Você Jurar* e cinco outros sambas de Ismael Silva, mais cinco exemplares de Noel, coisas de Lamartine Babo, Nássara, Buci Moreira, os *craques* (a expressão é uma homenagem a Mário Reis) dos tempos em que *Formosa, Marchinha do*



Amor, Não Há, Arrependido, A Razão Dá-se a Quem Tem viviam na boca do povo.

Outro álbum duplo imaginário, mas possível, se intitularia *Mário Reis se Junta a Sinhô e Noel*. Num dos discos, as gravações originais de *Que Vale a Nota Sem o Carinho da Mulher*, *Carinhos de Vovó*, *Sabiá*, *Deus nos Livre do Castigo da Mulher*, *Jura*, *Gosto Que me Enrosco*, *Carga de Burro*, *A Medida do Senhor do Bonfim*, *Cansei* e *Já É Demais*, todas de J. B. da Silva. No outro, *Quando o Samba Acabou*, *Capricho de Rapaz Solteiro*, *Prazer em Conheço-lo*, *Mentir*, *Este Meio Não Serve*, *Vai Haver Barulho no Chateau*, *Mulata Bamba* e *Uma Jura Que Eu Fiz*, todas de Noel, algumas com parceiros. Quem resistiria a um álbum duplo como esse?

A RCA Victor, para não ficar atrás, também poderia vir de álbum duplo. Num dos discos, simplesmente relançaria as doze faixas que compõem o LP *Mário Reis*, de 1967. No outro, aproveitaria o que há de melhor em *Doutor em Samba*, do ano seguinte, e buscaria em seus arquivos fonogramas jamais editados em LP — como *Eu Queria Um Retratinho de Você* — para completar a homenagem que Mário Reis merece.

A sugestão vai sem qualquer ranço saudosista. Os grandes artistas são intemporais. E Mário Reis foi um grande artista.

Enquanto um cantor de primeiro time, de estilo próprio e repertório exemplar, tão importante que muitos o apontam como o inspirador do *papa da bossa-nova*, João Gilberto (embora não seja este, exatamente, o seu maior mérito) continua à espera de uma chance para voltar a campo, eis que Pelé não precisa de maiores esforços para ser escalado, ou seja, para voltar a gravar, desta vez fazendo dupla de meio-campo com Jair Rodrigues. Dupla de meio-campo? Não fosse o respeito que Jair Rodrigues merece, melhor seria dizer dupla de gandulas, de apanhadores de bola.

Não satisfeito em ser apenas o maior jogador de futebol de todos os tempos, Pelé continua insistindo em bri-

lhar em vários campos, numa polivalência que por vezes se confunde com delírios de grandeza. Ele já escreveu livro, já trabalhou no cinema, fez novela de TV, foi júri de concurso de *Miss*, ditou regras sobre política ("O brasileiro ainda não está preparado para votar..."), fez músicas e atreveu-se a cantá-las, no rádio, na televisão e, reincidentemente, em disco.

Quem não se lembra de Pelé jogando? O drible de corpo, o pique irresistível, as tabelinhas diabólicas, os gols impossíveis, os passes geometricamente perfeitos, as jogadas de antologia. Cantando ou compondo, Pelé é exatamente o oposto: pisa na bola ou chuta-a para as gerais.



música clássica

SALDOS DA BIENAL

Maurício Quadrio

O Rio viveu, durante oito longas noites, a IV Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Em manifestações dessa natureza é lógico encontrar aqueles contrastes que tipificam as várias correntes estéticas ou — para melhor dizer — a estética de cada um dos participantes que vão desde uma sólida formação e um estilo fortemente pessoal às tentativas incipientes de jovens, cujo entusiasmo os faz pular o muro sem passar pela porta, propondo idéias que reputam origi-

nais, mas que os compositores futuristas de Marinetti já faziam no começo do século com as *painéis sonoras* e a rebeldia demagógica de *matemos o luar*. Substituir as painéis da cozinha por engenhocas eletrônicas, sininhos chineses e outras coisas ruidosas foi o máximo que certos apressados compositores conseguiram realizar: em alguns casos honestamente convencidos de que estavam realmente participando do esforço criativo para a formação de uma nova linguagem atual e na-

cional; em outros casos com o malandro objetivo de fazer explodir uma revolução, no público, com apupos e vaias, alcançando assim o *status* de gênios mal compreendidos. Isto não aconteceu, o que os deixou bastante frustrados. A verdade é que um dos grandes vitoriosos da Biental foi o público, o mais variado que se possa imaginar e que ia desde os habituais frequentadores dos concertos aos descontraídos animadores dos festivais *pop*. Esse público não se deixou enganar uma só vez. Aplaudiu com vigor e entusiasmo as obras que considerou merecedoras e ouviu com a mesma atenção e respeito o resto.

Um dos aspectos menos confortáveis dessa Biental, além da extensa duração



Marlos Nobre, o ponto alto. Sua *Sonância III* (pianistas: Maria da Penha e Jacy de Oliveira; percussionistas: Luiz Anunciação e José Cláudio das Neves) entusiasmaram o público.

dos encontros (mais ou menos três horas por noite), mas que valeu a pena enfrentar, foi o da seqüência das obras em cada concerto. Peças acadêmicas entre-

meadas a outras de módulos mais avançados e colocadas no programa sem lógica aparente: obras de longa duração, juntas na mesma parte do concerto; composições mais antigas já de repertório ocupando o lugar de outras excluídas por falta de espaço. Uma falha no programa impresso por sinal muito bem elaborado — foi a da indicação dos intervalos. Isto provocou bastante perplexidade no público que começava a esvaziar a sala, voltando depois confusamente porque ia começar outra peça. Curiosamente a sua lógica era mais acertada do que a dos organizadores: depois de uma hora seguida de música, as cômodas poltronas da sala já começavam a parecer bancos de jardim.

De modo geral essa IV Biental não apresentou surpresas; os bons compositores brasileiros, aqueles que se tornaram conhecidos e reconhecidos pela sua impostação estética, *métier* e talento, apresentaram-se com obras de excelente fatura. No primeiro encontro, a *Sonata n.º 2* para violino e piano de Guerra-Peixe atestou mais uma vez a sua fidelidade à temática nacionalista; o mestre não se preocupou em tentar novos caminhos, mas manter a segurança daquilo que sabe, e o faz com brilho e musicalidade. Cirlei Moreira de Holanda apresentou sua *Arca de Noé*, sorridente e juvenil em sua singeleza e frescor, sem cair no defeito típico dos que começam a difícil jornada: a pretensão. No se-

cotações ele DISCOS	Áureo Abílio	Guálter Mathias Netto	João Máximo	Léo Borges Ramos	Maurício Quadrio	Lincoln Martins	Roberto Muggiati
Blue Monday — Gershwin (ópera de câmara) — WEA	••	••	••	••	••		••
Recital Chopin — Guiomar Novaes — WEA	••	••	••	••	••	—	••
Give The People What They Want — Jimmy Cliff — WEA	••	—	—	••	••	—	••
Breakin' Away — Al Jarreau — WEA	••	—	—	—	••	—	••
Shot of Love — Bob Dylan — CBS	••	••	—	••	••	••	••
Gotham City — Dexter Gordon — CBS	—	••	••	••	••	••	••
SKY 3 — Ariola	••	—	—	••	—	••	••
Saúde — Rita Lee — Som Livre	••	••	—	••	••	—	—
Clara — Clara Nunes — Odeon	—	••	—	••	••	—	—
Moraes Moreira — Moraes Moreira — Ariola	••	—	••	••	—	••	••
○ péssimo • ruim •• razoável ••• bom •••• muito bom ••••• excelente							

gundo encontro destacou-se Aylton Escobar, que teve bons momentos em seu *Libera Me*. O *Concerto para Orquestra* de José Siqueira (de 1980) é um retrato de corpo inteiro do velho lobo da música, à vontade em seu *métier*. Ao lado de algumas poucas peças do certame, esta é uma obra feita com mão segura, verdadeira lição, aos colegas mais jovens, de como seduzir e dominar essa esQUIVA e bela mulher que é a orquestra. Na terceira noite tivemos o excelente *Choros para Flauta e Orquestra*, de Guarneri, e *Verborgenheit*, de Santoro, inteligente pastiche à la Mahler, realizado com sentido musical seguro. No quarto concerto sobressaiu o *Poema do Horizonte*, de Kieffer, que, como sempre, conseguiu demonstrar sua seriedade em tratar elementos musicais. Na quinta noite destacou-se o *Quarteto n.º 1*, de Henrique de Curitiba, trabalho sério e cuidadoso, e *Ciclos*, de Maria Helena Rosas, construído com bom gosto e imaginação. Ponto alto foi *Sonâncias III*, de Marlos Nobre, sua obra mais recente,

aplaudida com entusiasmo pelo público. A sexta foi a *mais longa das noites* (três horas e meia), alegrada pelo sopro primaveril da deliciosa *Sonatina em Ré*, para flauta e piano, de Radamés Gnattali, e por *Ir Alten Weib*, mais uma criação da irrequieten e proverbial inventiva de Gilberto Mendes. Mestre Mignone abriu o sétimo concerto com o *Caçador de Esmeraldas*, reafirmando seus poderes ditatoriais sobre a orquestra. O oitavo concerto não deu para ouvir por ter esgotado o prazo máximo de entrega desta matéria à redação. O saldo dessas oito noites, intensamente musicais, em que se apresentaram 52 compositores, foi altamente positivo. Mas, para o compositor que tem urgência em ter sua obra materializada, dois anos de espera são demais. Oportuno seria que a Bienal organizasse *encontros* pelo menos semestrais e de âmbito regional, inclusive para permitir uma mais tranqüila seleção das obras a serem apresentadas na grande festa da Bienal.



tro da saúde hollywoodiana. No entanto, mesmo quanto ao aspecto da qualidade a crise não é tão grande como parecia à primeira vista. Evidentemente, Brian de Palma não é Alfred Hitchcock, ainda que o imite e procure inclusive refazer os seus filmes. O tempo dos grandes mestres passou, ou pelo menos estamos em período de entressafra. Saudosismos à parte, porém, a produção de bons filmes que nos chegam hoje dos Estados Unidos, em relação à produção total, praticamente é a mesma de ontem. E mais: se 95% dos filmes americanos são (como sempre foram) meros produtos comerciais, sem maior significação artística e cultural, os 5% restantes estão entre as coisas mais interessantes, profundas e importantes oferecidas hoje pelo cinema.

Este é um dos paradoxos de um cinema que sempre foi paradoxal, e por isso mesmo raramente tem sido bem compreendido pelos críticos, ao passo que nunca deixou de ser bem digerido pelo público. O detalhe desse paradoxo está em que não existe nenhuma solução

de continuidade entre a pequena parcela de filmes de valor e a grande maioria de produções de consumo fácil. O mesmo diretor que hoje realiza um *abacaxi* pode, amanhã, reaparecer com um belo trabalho. O mesmo diretor que hoje explode com uma obra-prima pode, em seguida, afundar-se numa fita totalmente medíocre. Eis por que jamais encontramos, no cinema americano, um dualismo de produção semelhante ao que, no Brasil, contrapõe a pornochanchada à obra criativa dos cineastas sérios. Lá em cima, tudo se mistura e tudo se transforma.

O cinema é, sobretudo e antes de tudo, linguagem — uma peculiar e irredutível linguagem que se caracteriza pela sua relação íntima (e dialética) com a realidade. Isso quer dizer que não é o assunto que faz o filme, como também não são as eventuais boas intenções (morais ou políticas) deste. O valor de um filme não se mede por nada que possa ser definido *a priori*, antes que intervenha a câmara, o diretor, os atores. Os americanos foram os inventores da lin-

cinema

PARADOXO DE HOLLYWOOD

José Haroldo Pereira

O cinema americano está sempre nos intrigando e nos reservando surpresas. Quando todo mundo achava que ele ia acabar, absorvido e suplantado pela televisão, in-

vadiu ruidosamente as salas com uma série de superproduções que vieram quebrar velhos e aparentemente imbatíveis recordes de bilheteria. Isso em termos de *box office*, o principal termôme-



Jessica Lange e John Colicos, em *O Destino Bate à Sua Porta*, excelente e mal compreendido filme de Bob Rafelson.

guagem do cinema, e nunca se esqueceram disso. Eles trazem essa linguagem como que na alma. Falam-na espontaneamente, por intuição. Sua postura cinematográfica é bem diferente, por exemplo, do intelectualismo francês ou do ideologismo soviético. Seu método é simples: pegar um *pocket-book*, uma história em quadrinhos, uma novela famosa ou uma idéia original e dar-lhe realidade cinematográfica. Os americanos *pensam* cinematograficamente. Na maior parte das vezes pensam besteira, ou seja, não pensam um cinema que seja muito melhor do que um *pocket-book*. Mas, quando pensam certo, são praticamente inigualáveis.

O talento nato para raciocinar e falar cinematograficamente explica por que o cineasta americano é o único no mundo capaz de realizar uma obra-prima *cine-matográfica* sobre um rapaz sem pernas, sem braços, mudo, surdo e imobilizado num leito de hospital, como acontece com *Johnny Vai à Guerra*. Este filme quase inacreditável, que Dalton Trumbo dirigiu em 1971,

ilustra também, no mais alto grau, uma qualidade típica do cinema americano: não há nenhum outro que consiga, como ele, focalizar o *individual* dentro do *coletivo* — que consegue ver um Johnny qualquer em tempo de guerra não apenas como reflexo de uma desgraça que atinge milhões de pessoas iguais a ele, mas na tragédia da sua individualidade única, pessoal e intransferível.

Efetivamente, em alguns pontos Hollywood se notabilizou mais do que em outros. Na representação da violência e na representação dos sentimentos, seus diretores sempre foram os maiores especialistas. Com esses dois temas, fazem do melhor e do pior, do mais rasteiro ao antológico. Não por acaso, a agressividade e a ternura são as duas faces opostas e fundamentais do ser humano no terreno das emoções. Isso indica por si só o quanto os americanos identificam o cinema, não com a *idéia*, mas com a *emoção*, palavra cuja etimologia também tem relação com movimento.

Tal intimidade com as paixões humanas é exemplificada pelo excelente (e mal-compreendido) *O Destino Bate à Sua Porta*. Nova versão da novela de James Cain, realizada por Bob Rafelson, esse filme retoma o espírito pessimista que fez gênero na literatura e no cinema americano na época da depressão. Mas até mesmo pelas suas relações com o passado mostra o quanto o cinema americano vem se transformando e modernizando sorrateiramente, por influência ou não do cinema europeu. Sua linguagem *forte* é inconcebível 40 anos atrás. Sua força existencial é a de um cinema pós-Bergman e pós-

Último Tango em Paris. Acima de tudo, há qualquer coisa de *único* e essencialmente *americano* nesse relato de uma paixão fatal que une dois seres vulgares, neuróticos e admiráveis, de tão verdadeiros consigo mesmos. Qualquer coisa simbolizada no fabuloso *duelo* de interpretação en-

tre Jack Nicholson e Jessica Lange: uma lembrança do passado que vem revitalizar o cinema do presente. Quando pensamos que virou cinzas, o cinema americano sempre ressurgue mais vigoroso do que nunca.



teatro

EM 81, RIO FICOU LONGE DE SÃO PAULO

José Guilherme Mendes

A VANÇA, inexorável e cada vez mais rápido, para o seu fim o ano de 1981, sem que o teatro, diversamente do que vinha acontecendo nos tempos mais recentes, tenha oferecido uma revelação ou confirmação de talento. Quando se recorda que, ano passado e ano atrasado, houve as encenações de duas peças da melhor safra do lembrado Oduvaldo Vianna Filho; quando se relembra o retorno aos palcos de trabalhos de Plínio Marcos, e quando se pensa que, depois de premiada, a tragédia *Patética*, de João Chaves, foi seqüestrada, entre 1977 e 1979, para finalmente explodir, em São Paulo, em fins de 1980, o balanço deste não tão desalentador 1981 se revela pouco auspicioso para as artes dramáticas, particularmente no Rio.

São Paulo, que, além de *Patética*, teve o privilégio de assistir a montagens de vários trabalhos censurados



Village: a temática muito voltada para o homossexualismo

e proibidos de Plínio Marcos, foi brindado, ainda, com a muito elogiada realização de Antunes Filho: *Nelson Rodrigues: O Eterno Retorno*. Anteriormente, o brilhante homem de teatro, em trabalho coletivo com o Grupo Pau Brasil, realizou a histórica adaptação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, nunca assaz lembrada. E o Rio de Janeiro, após fugaz amostra de 15 dias, teve de esperar dois anos para, en-



Jack Nicholson faz o aventureiro sem passado e sem planos.

fim, tomar conhecimento direto daquele espetáculo. Se não estava certo daquela feita — afinal, Mário de Andrade morou algum tempo numa esquina do Catete e, paulista até o fim, tinha muitas carioquices no modo de escrever e ser —, agora, no entanto, se trata do mais carioca de todos os dramaturgos, o homem que rompeu o cordão umbilical que prendia a arte cênica brasileira, de modo muito particular, ao falar e interpretar



Sônia Clara, Olney Cazarré e Carmen Figueira em *Viva Sapata*.

lusitanos. Não está certo, é mais do que injusto deixar os moradores desta cidade apenas a ler fartos comentários sobre a montagem — ao que se diz — *definitiva* da suma poético-dramática de Nelson Rodrigues.

Se, sob esse aspecto, a desvantagem do Rio em confronto com São Paulo é enorme, há outro ponto digno de atenção e exame no panorama teatral desta cidade que ainda se pretende o centro cultural do país: 1981 parece caracterizar-se como o ano em que os homens de teatro cariocas descobriram a Europa. É possível que tenha sido esta a temporada em que se fizeram mais montagens de peças estrangeiras no Rio. Especialmente de procedência européia. E, *helás*, de gosto duvidoso.

Mesmo os dramas ou comédias mais importantes —

como o é *As Criadas*, de Jean Genet, ou como, nem tanto, *O Percevejo*, de Maïacovsky — ficaram muito aquém do que se poderia esperar. O poeta revolucionário soviético foi brindado com um tratamento pretensamente de vanguarda, mas na realidade beirando o bisonho. Já o *poète maudit* dos franceses sofreu mais pela briga de foice no escuro de suas estrelas intérpretes e, também, por uma falta de percepção do conteúdo — nesse caso, sim — revolucionário de seu drama. Aliás, está na hora de alguém se lembrar de encenar *O Balcão*, já visto não faz muito tempo pelos cariocas: a simbologia da luta pelo poder, das ambições, dos vários e fracassos do ser humano, recebeu naquela peça uma carga elevada de poesia dramática do escritor hoje um tanto no ostracismo, não obstante o volumoso estudo que lhe dedicou Jean-Paul Sartre, com o apodo de Santo e Mártir. Genet, por haver rompido de modo tão radical com toda a ordem vi-



Kito Junqueira e Ricardo Petraglia numa cena de *Bent*.

gente, não só na França como em todo o Ocidente, é possivelmente o mais maldito dos grandes escritores deste século.

Mas, tirante esses dois espetáculos — *As Criadas* e *O Percevejo* —, o que se observa na cena carioca no ano que chega ao fim é uma clara preferência para o chamado "teatro digestivo", na verdade mais comercial do que digestivo. *Quem Gosta Demais de Sexo Morre Fazendo Amor?* Talvez por isso se aconselhe: *Viva Sem Medo Suas Fantasias Sexuais*. E há, ainda, *Viva Sa-*

pata, versão lesbiana de *A Gaiola das Loucas*, que não merecia outra versão além da própria. Enfim, parece que os norte-americanos contribuíram com algo melhor: *Bent* e *Village*. Mas sua temática, excessivamente voltada para o homossexualismo masculino, começa a cansar — e não apenas os rapazes da banda: os da bunda, também.

Então, no que se fica? Na *Terra do Pau-Brasil* nem *Tudo Caminha*, *Viu. Será esse O Melhor dos Pecados?* Ou será *O Pecado Capitalista?* *Mãos ao Alto, Rio: acabe com esse Doce Deleite*. *A Troca dos Casais* pode acabar no *Poleiro dos Anjos*: é *A Corrente*. De qualquer jeito, *As Tias* certamente não experimentaram *O Beijo da Mulher-Aranha*, *À Moda da Casa*. Digam o que disserem, num balanço geral, tudo isso leva a uma conclusão: *É o Grande Golpe* — comédia de Francisco Moreno e Nick Nicola, no Teatro Carlos Gomes. Levando tudo mais em conta...



alpinismo

A EMOÇÃO E A TÉCNICA DE ESCALAR MONTANHAS

Maria Inez V. Cabral

PERIGO e segurança são palavras-chave no alpinismo. A primeira porque é a razão — mas jamais a essência — do esporte; a segunda, por constituir a justificativa de se escalar montanhas. Assim, se por um lado a presença constante de riscos funciona

como um estímulo ao desafio, por outro explica-se a causa pela qual um alpinista-suicida, daqueles que deixam de lado as normas básicas de segurança, nunca será encarado com bons olhos pelos ases da classe montanhista.

Com isso definido, é bom

ver — e entender — alguns equipamentos e técnicas que fazem parte do contexto de um alpinista. No Brasil, por ser ainda hoje esporte praticado por uma minoria (não deveria, pois, afinal, ele é antigo aqui, já tendo 62 anos de existência), o alpinismo não motivou as gran-

des indústrias esportivas a dar vazão comercial a qualquer tipo de acessório especializado. Deste modo, todo o material necessário tem de ser importado dos Estados Unidos, Canadá e Europa, por meio de catálogos específicos (via mala-direta). Há, também, um trabalho artesanal executado por nossos próprios alpinistas, mas que ainda não consegue suprir todas as necessidades do esporte.

Basicamente, o equipamento de escalada consiste em *baudrier* (conjunto de fitas de náilon reguláveis que envolvem principalmente pernas, quadris e cintura, funcionando como uma espécie de cadeirinha), capacete, corda, *slings* (fitas de náilon), mosquetões (argolas de duralumínio com abertura móvel sob pressão) e botas com sola *vibran* (tipo de borracha bastante aderente à pedra). Quanto ao calçado, um porém: os nossos tão brasileiros Kichute (sem as traves da frente) e Conguinha são também muito bons para escalar.

Jumars, nuts, pitons, ascenseurs, cliff-hangers, bong-bongs, friends e outros vários acessórios de segurança são também utilizados, mas somente em escaladas mais difíceis ou em conquistas. O interessante aí deve-se ao fato de que todo este material passa, nas fábricas, por uma série de testes regidos por normas da UIAA — União Internacional de Associações de Alpinismo. Desta forma, na descrição de um artigo de alpinismo, é obrigatória a presença de detalhes sobre sua resistência estática e dinâmica de peso, ao atrito e ao choque (no caso do capacete).

Pensam muitos — senão todos — que se escala uma montanha furando a parede

e colocando-lhe *ferros* de sustentação à medida que se sobe. Na verdade, isto só ocorre quando se conquista uma nova via — percurso até o cume trilhado com grampos de aço inox normalmente colocados de cinco em cinco metros.



Neste caso, os conquistadores (somente alpinistas experientes) farão a aproximação da via, baterão os grampos na pedra, nomearão este novo percurso e dele farão um croqui a ser cedido ao clube (falarei deles oportunamente) a que pertencem.

Assim, sabendo-se que se conquistam escarpas desde 1919, pode-se imaginar o número de vias que já se encontram espalhadas por nossas montanhas. Os morros do Rio de Janeiro — cidade que é, por excelência, o paraíso dos alpinistas brasileiros —, por exemplo, já estão praticamente todos conquistados. E, nos mais conhecidos — como Morro da Urca, Pão de Açúcar, Corcovado e Dois Irmãos — existem até, numa mesma montanha, várias vias paralelas. Em outras montanhas, como o Dedo de Deus, na Serra dos Órgãos, existem inclusive livros de cume (colocados numa caixa de ferro presa a um grampo), onde os escaladores podem atestar sua presença ali.

O que distingue uma via da outra e as torna emocionantes é o grau de dificuldade técnica apresentado por elas. Seis graus de dificuldade podem ser encontrados nas montanhas do Brasil, definidos a partir da verticalidade da pedra e da quantidade e tamanho das *agarras* (locais de apoio para mãos e pés). Partindo desta premissa, uma via de sexto grau — com *agarras* escassas e mínimas, e numa pedra bastante vertical — exige muita técnica, experiência e, sobretudo, controle pessoal e sangue-frio.

Quanto às técnicas de se escalar, existem — principalmente no Rio de Janeiro — em cada vez maior número os adeptos das escaladas naturais, ou seja, escala-

das sem pontos de apoio artificiais (no caso, os grampos). E isto porque, segundo garantem estes alpinistas, os grampos devem ser utilizados unicamente como meio de segurança e não como apoios para mãos e pés (deste último modo, a escalada se torna extremamente facilitada).

Esporte amador, o alpinismo se organizou em clubes. No Rio de Janeiro, onde se concentra o maior número de sedes, há inclusive a Federação Carioca de Montanhismo, registrada na CBD, da qual fazem parte o Clube Excursionista Carioca (R. Hilário de Gouveia, 17/206), o Clube Excursionista do Rio de Janeiro (Av. Rio Branco, 277/806), o Centro Excursionista Brasileiro (Av. Almirante Barroso, 2/8.º andar), o Centro Excursionista Guanabara (R. Washington Luís, 9/cob. 1), o Clube Excursionista Light (Av. Marechal Floriano, 199/501) e o Centro Excursionista Petropolitano (R. Irmãos D'Ângelo, 39/sl. 5 — Petrópolis). Em São Paulo, os adeptos deste esporte vêm se reunindo principalmente no Clube Excursionista Universitário, na USP. Sem contar os clubes espalhados por quase todos os outros estados brasileiros.

Para os interessados em experimentar as emoções que uma escalada ou mesmo uma caminhada no meio de florestas cerradas podem oferecer, basta entrar em contato com um clube, pois em todos eles existem excursões previamente marcadas, com guias experientes dispostos a ensinar tudo sobre as técnicas de escalada, além de material disponível para ser emprestado aos novatos. E tudo isto por uma mensalidade irrisória.



Titular só usa Cinturão Pirelli.

Quando o Sócrates "escala" Cinturão Pirelli no seu carro, os craques se juntam para enfrentar qualquer percurso. O Cinturão Pirelli é estável, adere bem nas curvas mesmo em dias de chuva, torna todos os carros mais confortáveis. Vá pelo Sócrates e use Cinturão Pirelli. Você vai descobrir mais uma grande jogada para economizar combustível.



CINTURAÇO
IRELLI
Que categoria!...



SM 4.1



Farus ML 929



Opala Comodoro



Adamo



Fiat Racing

O LUXO E O REQUIN



Del Rey



Cobra



Fera (Jaguar)

ele AUTOMÔVEIS

A nova tendência dos carros brasileiros da década de oitenta inclui cada vez mais luxo e conforto. E muita bossa (nova). Quem ainda não se apercebeu disso, confira o bom gosto dos Fiat Top, a sofisticação do Del Rey, o requinte do Voyage e a classe do Diploma. E há mais: foras-de-série depurados em cada detalhe, perfeitos no conjunto. Carros de deixar a namorada enciumada e qualquer paquera mais *abrangente*.



Xef

TE DOS MODELOS 82



POR MARCO A. SOUTO-MAIOR

FOTOS DE JOSÉ CASTRO
E JOSÉ BOSCO



Corcel Pampa



Corcel Hatch

Em cima, a *pick-up* Pampa, da Ford, versão do Corcel II para uso misto, na cidade e no campo. Ao lado, o Corcel Hatch, e, embaixo, o Voyage, que a Volkswagen pensa em lançar uma versão quatro portas.



Voyage

Na década de 70 os japoneses invadiram os Estados Unidos com modelos de automóveis compactos por fora, grandes por dentro, bem equipados e luxuosos. Um verdadeiro *ovo de Colombo* nipônico para os tempos modernos: o luxo e o conforto dos carrões ianques da época reunidos no bom senso dos automóveis compactos. O americano gostou da idéia. Afinal, punha de lado as suas grandes banheiras, mas não ficava com os pés de fora e tampouco perdia o conforto.

Guardadas as devidas proporções pois não se trata de substituir banheiras — esta será a constante dos automóveis brasileiros nos anos oitenta: equipamentos especiais que proporcionem bom conforto e detalhes de acabamento ainda mais requintado. Para ilustrar esta nova tendência nada melhor que a própria linha 82.

Um bom exemplo para começar é o pequeno Volkswagen sedan. Um carro que já teve versões diferenciadas em questão de equipamentos mas, seguramente, nunca ofereceu um modelo tão confortável e luxuoso quanto o GL da linha 1982. Carpete no assoalho, vidro traseiro antiembaçante, volante espumado, aquecimento interno e painel totalmente reestilizado deram ao Fusca requinte normalmente encontrado apenas nos carros médios.

Dentro desta nova tendência de luxo e conforto, os temas serão variados. As séries especiais e limitadas deverão aparecer com maior frequência, como já acontece na linha Passat e Opala. Em agosto, a Volkswagen lançou uma série de 1.200 unidades do Passat LS com motor 1,6 do TS e detalhes mais exclusivos ainda no acabamento. Cores metálicas, cinza-prata ou verde-mármore, estofamento revestido em tecido do tipo navalhado, carpete pré-moldado, também navalhado e porta-malas totalmente revestido.

Na linha Opala a série Silverstar oferece requintes semelhantes ao *top* dos modelos (o Opala Diplomata) tanto para o Opala como para o Caravan, em edição limitada.

Voltando aos pequenos, a Fiat não se fez de rogada em responder à versão GL do Sedan com as mesmas armas do luxo e conforto. Aproveitando para mudar toda a nomenclatura de sua linha, lançou uma versão *top* do 147 que se adapta tanto ao chefe como à secretária (ou aos dois ao mesmo tempo, se assim lhes convier). Cores especiais e personalização antes só disponível nos automóveis de faixas superiores são o requinte. O painel, por exemplo, teve o *design* de



Concorde 2 lugares

Do Concorde (foto em cima) ao Miura Targa (ao lado) e o MP Lafer (embaixo), os foras-de-série brasileiros estão cada vez mais foras-de-série. O Miura é equipado com computador que fornece dados sobre consumo de combustível.



Miura Targa



MP Lafer

mentos externos especiais (faróis auxiliares, *spoiler*, retrovisores duplos, pára-brisa *rayban* degradê) e uma única opção em cor (preta) que a tornaram realmente personalizada. No interior a City tem a mesma concepção (e equipamentos) esportivos dos Fiat Racing, apenas a potência do motor de 1300 cilindradas é menor (61 CV/SAE). E a *pick-up* Gol deverá correr na mesma faixa da City e Pampa, com os mesmos requintes do carro (nas versões mais luxuosas) e motor 1600 a álcool.

Verdadeiras misturas de anjo e diabo na concepção, os fora-de-série estão cada vez mais *fuori-série* (se me permitem a redundância). As réplicas têm-se aperfeiçoado na nostalgia e os esportivos na agressividade das linhas. Enfim os *carrozzieri* brasileiros têm carregado na pimenta.

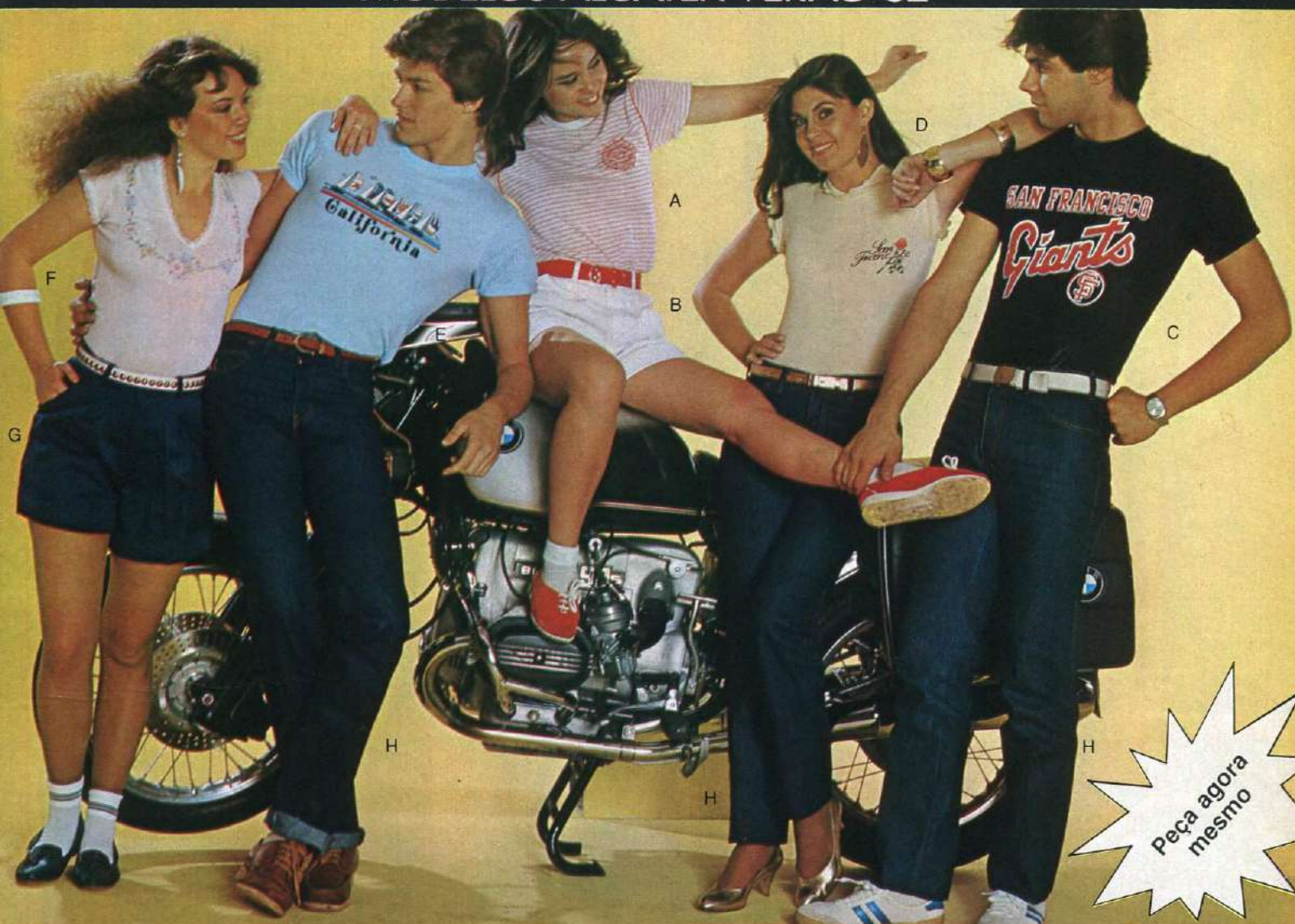
Os mineiros continuam trabalhando em silêncio. Passaram dois anos entre estudos e reestudos para mostrar o esportivo Farus ML 929 no início de 1981. Ficha técnica? Motor e câmbio do Fiat Racing (ex-Rallye) ou motor Passat TS; freios a disco nas quatro rodas e velocidade máxima próxima aos 200 km/h e mais um pouquinho quando o motor é TS. Os maiores segredos do ML, contudo, estão no conjunto suspensão, chassi (tubular de chapas dobradas) com mesma técnica dos Lotus esportivos e na carroçaria de fibra, forma de cunha, testada minuciosamente para ganhar maior penetração aerodinâmica.

Já o Miura gaúcho, da Auto Capas, trouxe a versão Targa como novidade do selo 1982, que combina o alto estilo do teto aberto com esportividade e cibernética. É o primeiro veículo brasileiro equipado com um computador que, ao toque de um botão, fornece ao motorista informações sobre consumo, quantidade de combustível do tanque, durabilidade do combustível e mais o custo do quilômetro rodado. Todo o carro é montado sobre a mecânica Passat TS (inclusive motor). Apenas um porém: os pedidos feitos em final de novembro tinham previsão de entrega para o mês de abril.

Para quem quer combinar esportividade com gala — ou tem duas namoradas — não resta a menor dúvida de que o SM 4.1, da Cia. Santa Matilde, é uma boa receita. As linhas suaves da carroçaria e o bom acabamento interno dão o toque de gala. O motor Opala 250 S faz o restante. Se a pretensão for menos esportiva existe uma opção de motor de quatro cilindros (o 151 do Opala). A novidade desses bólidos para 82, no entanto, está no motor a álcool turbinado que deve produzir melhor rendimento

SENSACIONAIS, MARAVILHOSOS, CHARMOSÍSSIMOS MODELOS ALCATEX VERÃO 82

Ofertas por
tempo limitado



peça agora
mesmo

- A — Camiseta unissex listrada em vermelho 50% poliéster e 50% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 598,00
- B — Bermudão branco 50% poliéster e 50% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 2.198,00
- C — Camiseta preta 100% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 728,00
- D — Camiseta amarela 50% poliéster e 50% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 848,00
- E — Camiseta azul Califórnia 100% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 498,00
- F — Camiseta branca 50% poliéster e 50% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 698,00
- G — Bermuda azul 50% poliéster e 50% algodão.
Tamanhos P M G — Cr\$ 1.998,00
- H — Calças jeans unissex em legítimo índigo 14 onças com detalhes em couro nos bolsos — Cr\$ 2.998,00

Obs: Não se esqueça de especificar se o jeans é para ele ou para ela, pois a numeração varia.

Ex: O que para ele é 40, para ela é 44.

Tamanhos: ele: 34-36-38-40-42-44-46
ela: 38-40-42-44-46-48-50

Qualidade em roupas da última moda, conforto, economia e segurança na compra. Preencha o cupom e só pague ao retirar a mercadoria no correio mais próximo de sua casa. Todo pedido vem acompanhado do Certificado de Garantia Total RHM, que lhe permite trocar artigos que você comprou ou ter o seu dinheiro devolvido, se necessário.

ATENÇÃO: Como o frete é por nossa conta, e também por motivos operacionais, não podemos atender pedidos inferiores a Cr\$ 1.500,00.

PROMOÇÃO: Na compra acima de Cr\$ 5.000,00 você tem 5% de desconto extra.

Se você não quiser recortar esta revista, faça-nos o seu pedido e envie-o por carta à RHM — Comunicação e Marketing Ltda., à Rua Castro Alves, 347 — CEP 01532 — São Paulo. Ou, se preferir, passe seu pedido pelos telefones (011) 270-0929 e 270-0930.

À RHM — Comunicação e Marketing Ltda.
Rua Castro Alves, 347 — CEP 01532 — São Paulo

SIM. Quero receber:

Camiseta A	Tam	Quant	Cr\$
Bermudão B	Tam	Quant	Cr\$
Camiseta C	Tam	Quant	Cr\$
Camiseta D	Tam	Quant	Cr\$
Camiseta E	Tam	Quant	Cr\$
Camiseta F	Tam	Quant	Cr\$
Bermudão G	Tam	Quant	Cr\$
Calça H	Tam. ele	Quant	Cr\$
	Tam. ela	Quant	Cr\$

Nome
Rua N.º CEP
Bairro Cidade Estado
Assinatura



dos quatro cilindros, sem comprometer (pode melhorar muito) o consumo.

O Adamo um dos primeiros esportivos a fazer sucessos nas ruas brasileiras e a usar faróis escamoteáveis, no melhor do estilo Porsche tem um novo modelo conversível derivado do GTM. Fazendo um parêntese: não se sabe por que os conversíveis chamam sempre mais a atenção. Talvez por serem carros mais abertos ao *papo*, mais sociáveis...

Voltando ao Adamo, a partir de agora, quem quiser colocar mais esportividade neste carro poderá optar por um motor Passat, ao invés do tradicional Brasília usado desde o início de sua fabricação.

Novas experiências na linha dos forde-série são sempre bem-vindas. E o Xef da Gurgel vem calcado nas necessidades de um estilo de vida atual. Ou seja: um carro de concepção clássica, sobriedade de estilo e sofisticado em sua proposta. Diz a Gurgel que o Xef é o menor *três volumes* do mundo, com o mesmo conforto e espaço interno de um automóvel grande. Partindo de um motor Volkswagen 1.6, a empresa procurou construir um carro de uso tanto



O interior do Adamo (no alto da página) é forrado com um macio estofamento de couro. Dentro do SM 4.1 (no meio, à esquerda), ar condicionado e câmbio hidramático. O Farus ML 929 (acima) tem alavanca de câmbio sempre à mão, e o Fera (ao lado) tem pára-brisa ray-ban em cristal belga.

urbano como estradeiro. Com o pequeno tamanho (3.120mm de comprimento) ele pode estacionar em qualquer vaga e tem lugar disponível para três passageiros. Os detalhes internos de luxo, inclusive com opcional de ar condicionado, e o teto removível, caracterizam, por outro lado, um uso esportivo ou não do carro.

Um esportivo deve estar para um puro-sangue assim como um bom uísque está para o dia seguinte. Ou não? Recíproca que deve servir para os carros réplicas. Com uma agravante: a réplica será sempre comparada ao original. Inevitável.

Justifica-se aí, talvez, a euforia dos engenheiros da Glaspac (ex-fabricante de buggies) ao falarem dos resultados obtidos na réplica do Cobra — carro inglês dos anos 60, projetado pelo ex-piloto de corridas Carroll Shelby. Em 1965 esses carros foram os campeões mundiais de marcas categoria Gran-Turismo, rodando com motores Ford V-8 de 4,7 a 7 litros de cilindrada. A réplica brasileira não deixou por menos: motor Galaxie 302 (V-8) para fazer de 0 a 100km em menos de 6 segundos e atingir uma velocidade máxima de 220

A cópia brasileira do Jaguar XK 120 (o Fera XK 4.1 HE) acabou ficando mais harmoniosa do que o modelo original

por hora. O requinte maior do Cobra (além de cópia fiel, é claro) está no detalhe, exclusivo, de ter uma produção limitada de 50 veículos para o mercado nacional.

Muito raramente acontecem fatos pitorescos na construção das réplicas. A cópia brasileira do Jaguar XK 120 — aqui denominada Fera XK 4.1HE — ficou mais harmoniosa que o original. Por quê? Querendo aproveitar a mecânica integral dos eixos do Opala, o construtor (Bola S.A., de São Paulo) deixou os eixos da réplica com tamanho de Opala. E eles têm bitola 11cm mais larga que a do XK 120. Assim, a carroceria da cópia ficou mais larga e a frente

com uma composição mais suave. O motor é Opala 25 S e os detalhes de acabamento incluem estofamento de couro e pára-brisas rayban em cristal belga.

Réplica dos MG ingleses, o já conhecido MP Lafer aparece em 82 com três novos requintes: ar quente com saídas junto ao pára-brisas, para melhor visibilidade em dias úmidos; comando elétrico nos vidros das portas e pintura metálica que realça mais o brilho do carro.

O único fabricante de rodas raiadas no Brasil (atenção, colecionadores!) a Roadster estréia o Victória (réplica dos Morgan) no rol dos fora-de-série, em três versões: Sport, Imperial e Real.

A Sport, a mais simples, não tem cromados, nem estofamento de couro, ou direção regulável no sentido horizontal. Na Imperial e na Sport pode ser aplicado motor Brasília e, na Real, apenas motor Passat TS zero, já que as outras também admitem mecânica reconcondicionada. Os detalhes de requinte não precisam mais que um exemplo: o emblema frontal leva um banho de ouro...



Receba em casa* a sua furadeira BOSCH

Um presentão de Natal!

As furadeiras Bosch não brincam em serviço. São rápidas no gatilho, penetrando facilmente em diversos materiais. Aço, ferro, alumínio, madeira, concreto e alvenaria elas tiram de letra. Ainda por cima, lixam, fazem polimentos, esmerilham, escovam... Aproveite as suas horas de lazer e execute todos os projetos que tiver em mente. Pendure quadros, confeccione móveis, afie ferramentas, desbaste superfícies, etc.

Há dois modelos a sua escolha, acondicionados em estojo especiais de Natal. Ambos incluem um brinde sensacional inteiramente GRÁTIS! Um conjunto de acessórios muito útil para multiplicar as funções da sua furadeira.

Não perca tempo. Encomende já a sua Bosch. Os preços estão mil furos abaixo do que você imaginava!

Modelo Hobby Impacto 3/8".



Faz pequenos serviços domésticos, perfurando: aço doce, ferro, alumínio, madeira, concreto e alvenaria. Ainda lixa, dá polimentos, esmerilha, escova, etc. Pesa 1,5 kg, possui abertura de mandril até 10mm (3/8") Ø. 240 watts, 2900 RPM. Inclui brinde com os acessórios: 1 disco de borracha; 3 lixas grana 50; 3 lixas grana 80; 3 lixas grana 120; 1 haste p/disco de borracha; 1 haste p/rebolo e escova; 1 rebolo; 1 escova de aço; 3 brocas helicoidais de metal duro com 5,6 e 8mm; 1 empunhadura lateral; 1 conj/de buchas; 1 conj/de parafusos. 110V Ref: 89-158-0 220V Ref: 89-159-8 Preço: **6.990,**

Modelo Hobby 1/4".



Para perfuração, lixamento, polimento, esmerilhamento, escovamento, etc. Pesa 1,3 kg, possui abertura de mandril até 8 mm (5/16") Ø. 240 watts, 2200 RPM. Inclui brinde com os acessórios: 1 disco de borracha; 3 lixas grana 50; 3 lixas grana 80; 3 lixas grana 120; 1 bonê de pele; 1 haste p/disco de borracha; 1 haste p/rebolo e escova; 1 rebolo; 1 escova de aço; 3 brocas helicoidais de aço carbono de 4,6 e 8 mm. 110V Ref: 89-160-6 220V Ref: 89-161-4 Preço: **4.990,**

Preencha o cupom ao lado

Coloque os itens solicitados. Depois recorte o cupom, envelope, sele, e deposite-o na agência dos Correios mais próxima de onde mora ou numa caixa de coleta. O valor do selo, Cr\$ 12,00, será descontado no envio de sua mercadoria. Se preferir, faça seu pedido por carta. Escreva para a PROVENDA - Caixa Postal 4500, RJ, CEP 2001 ou disque (021) 351-8700, no horário comercial. Nosso endereço telegráfico "PROVENDA" também está a sua disposição. O transporte é seguro. Você conta com 100% de garantia. Fique certo de comprar com conforto, tranquilidade e bem-estar!

Lucre até 20% em sua compra e ganhe um carro 0 KM!

Na compra da sua furadeira você concorre automaticamente ao sorteio de um carro 0 km, pela Loteria Federal! Dentro de sua encomenda há cupons numerados que o habilitam o prêmio!

Grátis! Ganhe um brinde sensacional na compra de uma furadeira!

Um conjunto de acessórios muito útil, que multiplica as funções de sua máquina!



Tabela de Descontos Progressivos	
Compras acima de	Você ganha
Cr\$ 5.000,00	5% de desconto
Cr\$ 11.000,00	10% de desconto
Cr\$ 19.000,00	15% de desconto
Cr\$ 30.000,00	20% de desconto

Peça a sua furadeira e concorra ao sorteio de um carro 0 km!!!

Mande logo o seu pedido

SIM Desejo receber em casa, com conforto e tranquilidade a(s) furadeira(s) Bosch. 03 22 15

PROVENDA - Caixa Postal 4500, RJ - CEP 20001.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Data _____ Assinatura _____

Modelo	Volt	Referência	Quant.	Preço	Valor total

O valor do selo, Cr\$ 12,00, será descontado no envio de sua mercadoria.

O FRETE É POR NOSSA CONTA Promoção válida até 31/01/82.

* Entregas à domicílio nas seguintes regiões: Grande Curitiba, Grande Rio, Grande São Paulo, Grande Porto Alegre e Grande Belo Horizonte. Nas demais cidades pelo Reembolso Postal.

urbano como estradeiro. Com o pequeno tamanho (3.120mm de comprimento) ele pode estacionar em qualquer vaga e tem lugar disponível para três passageiros. Os detalhes internos de luxo, inclusive com opcional de ar condicionado, e o teto removível, caracterizam, por outro lado, um uso esportivo ou não do carro.

Um esportivo deve estar para um puro-sangue assim como um bom uísque está para o dia seguinte. Ou não? Recíproca que deve servir para os carros réplicas. Com uma agravante: a réplica será sempre comparada ao original. Inevitável.

Justifica-se aí, talvez, a euforia dos engenheiros da Glaspac (ex-fabricante de buggies) ao falarem dos resultados obtidos na réplica do Cobra — carro inglês dos anos 60, projetado pelo ex-piloto de corridas Carroll Shelby. Em 1965 esses carros foram os campeões mundiais de marcas categoria Gran-Turismo, rodando com motores Ford V-8 de 4,7 a 7 litros de cilindrada. A réplica brasileira não deixou por menos: motor Galaxie 302 (V-8) para fazer de 0 a 100km em menos de 6 segundos e atingir uma velocidade máxima de 220

A cópia brasileira do Jaguar XK 120 (o Fera XK 4.1 HE) acabou ficando mais harmoniosa do que o modelo original

por hora. O requinte maior do Cobra (além de cópia fiel, é claro) está no detalhe, exclusivo, de ter uma produção limitada de 50 veículos para o mercado nacional.

Muito raramente acontecem fatos pitorescos na construção das réplicas. A cópia brasileira do Jaguar XK 120 — aqui denominada Fera XK 4.1HE — ficou mais harmoniosa que o original. Por quê? Querendo aproveitar a mecânica integral dos eixos do Opala, o construtor (Bola S.A., de São Paulo) deixou os eixos da réplica com tamanho de Opala. E eles têm bitola 11cm mais larga que a do XK 120. Assim, a carroceria da cópia ficou mais larga e a frente

com uma composição mais suave. O motor é Opala 25 S e os detalhes de acabamento incluem estofamento de couro e pára-brisas rayban em cristal belga.

Réplica dos MG ingleses, o já conhecido MP Lafer aparece em 82 com três novos requintes: ar quente com saídas junto ao pára-brisas, para melhor visibilidade em dias úmidos; comando elétrico nos vidros das portas e pintura metálica que realça mais o brilho do carro.

O único fabricante de rodas raiadas no Brasil (atenção, colecionadores!) a Roadster estréia o Victória (réplica dos Morgan) no rol dos fora-de-série, em três versões: Sport, Imperial e Real.

A Sport, a mais simples, não tem cromados, nem estofamento de couro, ou direção regulável no sentido horizontal. Na Imperial e na Sport pode ser aplicado motor Brasília e, na Real, apenas motor Passat TS zero, já que as outras também admitem mecânica reconcondicionada. Os detalhes de requinte não precisam mais que um exemplo: o emblema frontal leva um banho de ouro...



Receba em casa* a sua furadeira BOSCH

Um presentão de Natal!

As furadeiras Bosch não brincam em serviço. São rápidas no gatilho, penetrando facilmente em diversos materiais. Aço, ferro, alumínio, madeira, concreto e alvenaria elas tiram de letra. Ainda por cima, lixam, fazem polimentos, esmerilham, escovam... Aproveite as suas horas de lazer e execute todos os projetos que tiver em mente. Pendure quadros, confeccione móveis, afie ferramentas, desbaste superfícies, etc.

Há dois modelos a sua escolha, acondicionados em estojo especiais de Natal. Ambos incluem um brinde sensacional inteiramente GRÁTIS! Um conjunto de acessórios muito útil para multiplicar as funções da sua furadeira.

Não perca tempo. Encomende já a sua Bosch. Os preços estão mil furos abaixo do que você imaginava!

Modelo Hobby Impacto 3/8".



Faz pequenos serviços domésticos, perfurando: aço doce, ferro, alumínio, madeira, concreto e alvenaria. Ainda lixa, dá polimentos, esmerilha, escova, etc. Pesa 1,5 kg, possui abertura de mandril até 10mm (3/8") Ø. 240 watts, 2900 RPM. Inclui brinde com os acessórios: 1 disco de borracha; 3 lixas grana 50; 3 lixas grana 80; 3 lixas grana 120; 1 haste p/disco de borracha; 1 haste p/rebolo e escova; 1 rebolo; 1 escova de aço; 3 brocas helicoidais de metal duro com 5,6 e 8mm; 1 empunhadura lateral; 1 conj/de buchas; 1 conj/de parafusos. 110V Ref: 89-158-0 220V Ref: 89-159-8 Preço: **6.990,**

Modelo Hobby 1/4".



Para perfuração, lixamento, polimento, esmerilhamento, escovamento, etc. Pesa 1,3 kg, possui abertura de mandril até 8mm (5/16") Ø. 240 watts, 2200 RPM. Inclui brinde com os acessórios: 1 disco de borracha; 3 lixas grana 50; 3 lixas grana 80; 3 lixas grana 120; 1 bonê de pele; 1 haste p/disco de borracha; 1 haste p/rebolo e escova; 1 rebolo; 1 escova de aço; 3 brocas helicoidais de aço carbono de 4,6 e 8mm. 110V Ref: 89-160-6 220V Ref: 89-161-4 Preço: **4.990,**

Preencha o cupom ao lado

Coloque os itens solicitados. Depois recorte o cupom, envelope, sele, e deposite-o na agência dos Correios mais próxima de onde mora ou numa caixa de coleta. O valor do selo, Cr\$ 12,00, será descontado no envio de sua mercadoria. Se preferir, faça seu pedido por carta. Escreva para a PROVENDA - Caixa Postal 4500, RJ, CEP 2001 ou disque (021) 351-8700, no horário comercial. Nosso endereço telegráfico "PROVENDA" também está a sua disposição. O transporte é seguro. Você conta com 100% de garantia. Fique certo de comprar com conforto, tranquilidade e bem-estar!

Lucre até 20% em sua compra e ganhe um carro 0 KM!

Na compra da sua furadeira você concorre automaticamente ao sorteio de um carro 0 km, pela Loteria Federal! Dentro de sua encomenda há cupons numerados que o habilitam o prêmio!

Grátis! Ganhe um brinde sensacional na compra de uma furadeira!

Um conjunto de acessórios muito útil, que multiplica as funções de sua máquina!



Tabela de Descontos Progressivos	
Compras acima de	Você ganha
Cr\$ 5.000,00	5% de desconto
Cr\$ 11.000,00	10% de desconto
Cr\$ 19.000,00	15% de desconto
Cr\$ 30.000,00	20% de desconto

Peça a sua furadeira e concorra ao sorteio de um carro 0 km!!!

Mande logo o seu pedido

SIM Desejo receber em casa, com conforto e tranquilidade a(s) furadeira(s) Bosch. 03 22 15

PROVENDA - Caixa Postal 4500, RJ - CEP 20001.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Data _____ Assinatura _____

Modelo	Volt	Referência	Quant.	Preço	Valor total

O valor do selo, Cr\$ 12,00, será descontado no envio de sua mercadoria.

O FRETE É POR NOSSA CONTA Promoção válida até 31/01/82.

* Entregas à domicílio nas seguintes regiões: Grande Curitiba, Grande Rio, Grande São Paulo, Grande Porto Alegre e Grande Belo Horizonte. Nas demais cidades pelo Reembolso Postal.

Chevette 82.



Para enfrentar a luta dos dias de hoje, nada melhor do que ter do lado da gente um amigo forte e poderoso.

Um Chevette 82 é o carro perfeito para você estabelecer um relacionamento cotidiano a longuíssimo prazo.

Ele é robusto, resistente e oferece como aval a tradicional mecânica Chevrolet, que hoje é sinônimo

de performance privilegiada.

Ele vai tratar você sempre bem: é o carro mais espaçoso, confortável



O faixa preta.



e bem acabado da categoria.

E para completar suas qualidades, ele foi preparado para defender com



unhas e dentes os interesses do seu dono.

Com a inclusão do motor 1.6 como opcional para toda a linha, ele ficou ainda mais forte, sem alterar as leis da sua economia.

Passa num Concessionário Chevrolet, para conhecê-lo pessoalmente. Você vai encontrar condições de financiamento,



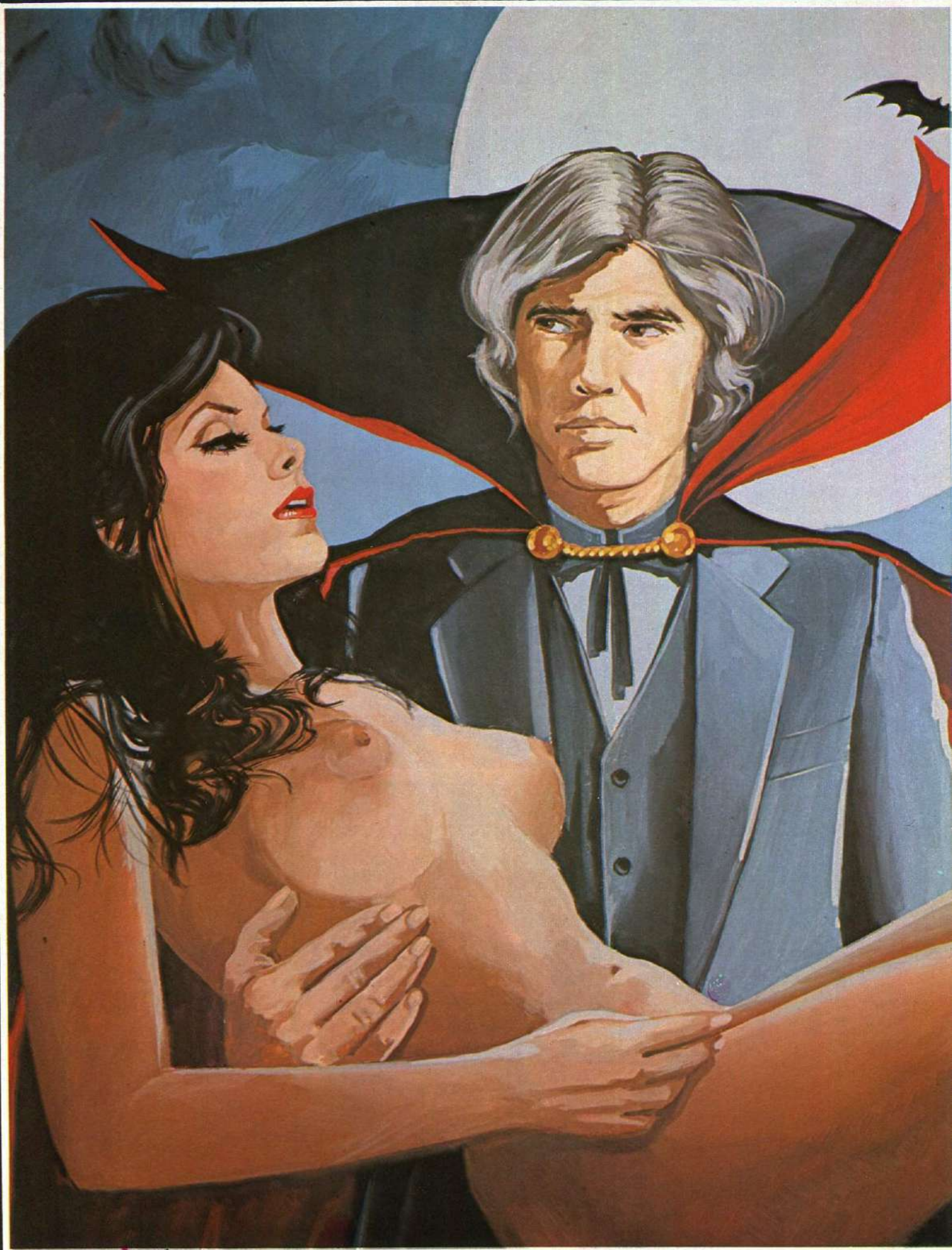
consórcio e leasing de irmão para irmão.

Chevette 82.
O carro perfeito para você ter como amigo.

A segurança do melhor negócio.



Marca de valor



LUIZA Brunnet

A GATA DO ANO

Fotos de Indalécio Wanderley



O começo, em ELE ELA de setembro de 79. A carreira de manequim, em *Desfile*. A melhor capa de 80, em ELE ELA. A consagração, em *Manchete*. E o nu total, em ELE ELA de julho.

Luiza Brunnet, cinco vezes capa de ELE ELA (incluindo a deste número). Luiza Brunnet, capa de *Desfile*, *Manchete*, e mais uma dezena de revistas brasileiras. Luiza Brunnet, modelo destaque de 1981. Luiza Brunnet, a Gata do Mês de ELE ELA (foto ao lado) em julho. Luiza Brunnet, manequim internacional. Títulos não faltavam para que a escolha da equipe de ELE ELA recaísse nela para a Gata do Ano. Como se não bastasse, ela tem outros: 64 de cintura, 87 de busto, 97 de quadris, 56 de coxa, 24 de tornozelo, num belo corpo de 1,76m e 59 quilinhos. Foi em setembro de 1979 que ela

revelou aos nossos leitores sua beleza bem transada. Tinha apenas 17 anos, emancipados pelo casamento aos 16. Ela chegou à redação com um arzinho assustado de menina do

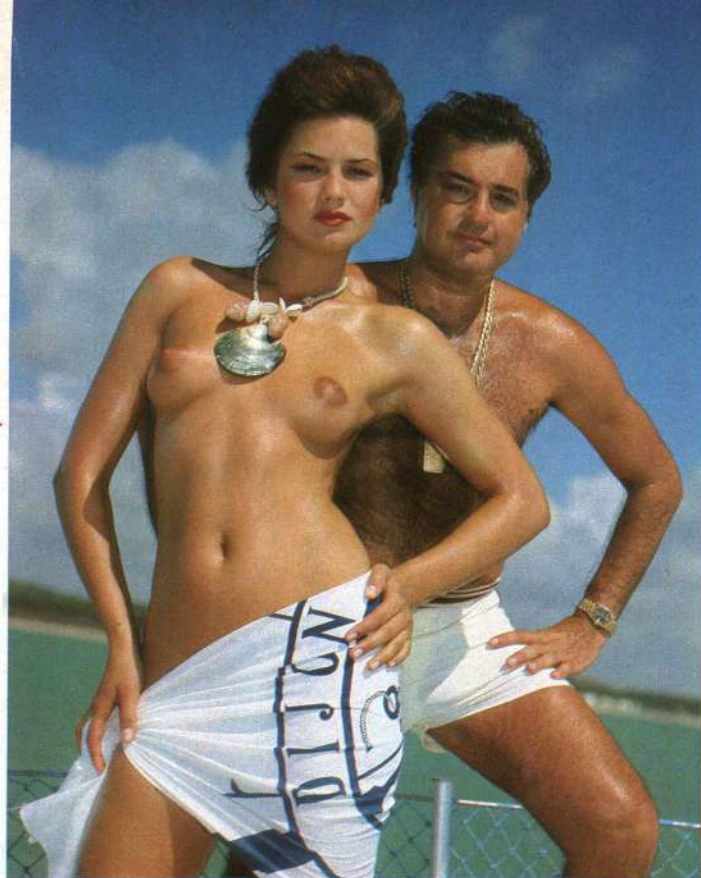
interior e do subúrbio — que nasceu em Dourados, Mato Grosso do Sul, e morava em Pilares, aqui no Rio — e apresentou seu book — o álbum de fotografias e passaporte do modelo

para a fama. O diretor de arte da revista, na época, Licínio de Melo, pôs os olhos naqueles argumentos e convenceu-se de imediato de que estava diante de uma das mais evidentes vocações de modelo fotográfico. “Comecei fazendo nu, posando para ilustrar calendários. Antes, eu trabalhava como vendedora numa casa de modas”, conta Luiza. Predestinação? O certo é que ela foi de tal modo conquistada, e conquistou o mundo da moda, que não quer sair mais dele. “No futuro quero continuar transando moda, como produtora ou mesmo figurinista”, diz ela.









Outro que acertou, de cara, com Luiza Brunnet foi Humberto Saade, da Dijon (com ela na foto ao alto). "Quando Luiza chegou aqui, com o *book*, não hesitei em chamá-la para ir ao meu desfile em Saint-Tropez. Gostei do jeito despretensioso dela. Eu valorizo os profissionais que trabalham comigo, não lhes nego crédito. Mesmo sem conhecer Luiza, sem saber se ela sabia desfilar, apostei nela. E é claro que acertei." Esse encontro ocorreu há uns seis meses. Desde então, Luiza se tornou símbolo da Dijon, com a qual tem contrato exclusivo, mas "flexível", segundo Saade.

"Levei um susto com o convite para viajar, assim, logo de saída", diz Luiza. "Até um pouco grilada, sabe? Mas fui em frente. Foi a minha primeira viagem ao exterior. Agora (meados de novembro) estou partindo para Paris e Marrakesh."





Em Saint-Tropez, o sucesso de Luiza pode ser avaliado pelo seguinte fato: o cineasta Just Jaeckin, diretor de *Emanuelle*, só teve olhos e atenções para ela. A ponto de escrever seu nome com batom, na testa, entre dois corações. Enquanto caminhava pela passarela, ela topava a cada volta com a cara pintada do Jaeckin, sorrindo, com o olhar resplandecente. "Foi muito divertido", diz ela, "e muito simpático".

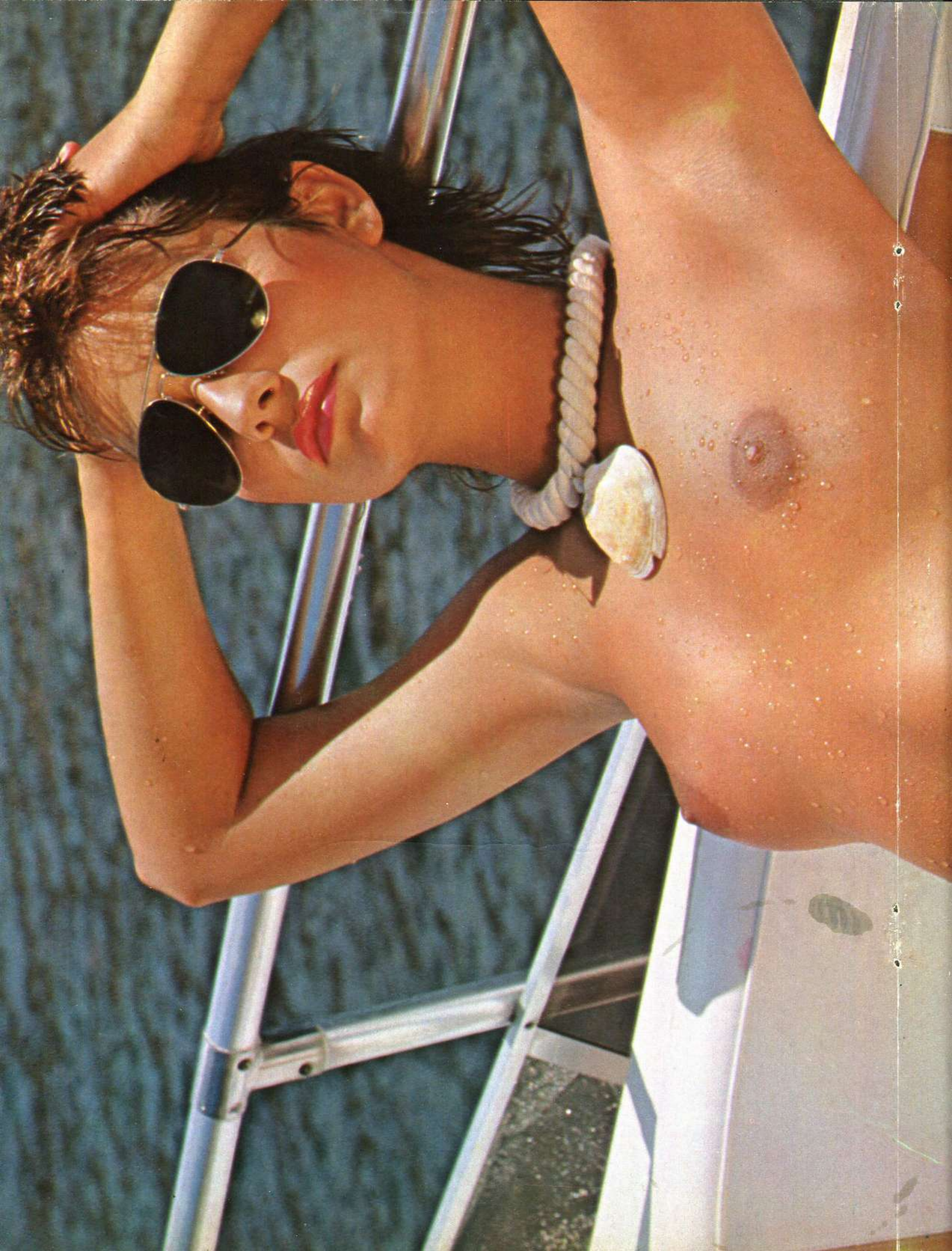






Em Saint-Tropez, o sucesso de Luiza pode ser avaliado pelo seguinte fato: o cineasta Just Jaeckin, diretor de *Emanuelle*, só teve olhos e atenções para ela. A ponto de escrever seu nome com batom, na testa, entre dois corações. Enquanto caminhava pela passarela, ela topava a cada volta com a cara pintada do Jaeckin, sorrindo, com o olhar resplandecente. "Foi muito divertido", diz ela, "e muito simpático"





LUIZA
A GATA DO ANO

elo



LUIZA
A GATA DO ANO

ele
da



LUIZA
A GATA DO ANO
elê



O prazer das viagens lhe abriu os olhos e horizontes. "Vou estudar inglês e francês. Acho muito importante falar essas línguas. E expressão corporal também." Para quem incorpora, com espontaneidade e sem mestre, o papel que desempenha, desfilando ou posando para fotos, não haverá dificuldades. Como não há grilo no seu trato com equipes de produção e fotógrafos, como Indalécio Wanderley — o mais constante e seu predileto. Com seu talento natural e boa cabeça, Luiza Brunnet assume, decidida, o timão e traça seu plano de navegação, e não há dúvida de que ela vai longe, muito além de Marrakesh.





CANTADAS



INFALÍVEIS

Como seduzir as gatas mais deliciosas

POR LÉO BORGES RAMOS

ILUSTRAÇÕES DE CESAR LOBO

Se você quer mesmo desfrutar das mais saborosas mulheres, deve aperfeiçoar sua capacidade de quebrar-lhes as resistências, aprendendo com um *expert*. O autor desta matéria tem se dedicado, desde julho de 1979, à pesquisa do comportamento sexual contemporâneo. Depois de publicar o seu Relatório Barão (ELE ELA n.º 125), em que obtém um verdadeiro raio X de todos os desejos, frustrações e tendências eróticas da mulher brasileira em relação a seus parceiros, ele partiu para estudos dos comportamentos de exceção: a troca de casais, mais conhecida como *swing* (ELE ELA n.ºs 132 e 133), e o sadomasoquismo (ELE ELA n.ºs 140 e 141). Agora o jornalista Léo Borges Ramos seleciona uma série de fórmulas infalíveis que ele próprio e os homens mais bem-sucedidos com as mulheres utilizam para cantá-las.

RESTABELEÇAMOS algumas verdades: desde o princípio, a libido é a força misteriosa que dá vida ao universo. “*Macho e fêmea os criou* (Deus)”, segundo os Gênesis, versículo 27. Portanto, homem e mulher estarão sempre a fim um do outro para se realizarem nos chamados prazeres lubrificados.

É claro que, em determinadas fases da história, a infra-estrutura econômica — que condiciona as supra-estruturas morais, legais e familiares — fez com que a mulher, estrategicamente, se tornasse ou mais recatada ou menos velada, de modo a poder impor condições antes de ceder aos ímpetos de seus instintos e aos de seu pretendente. Satisfeitas as exigências — que podiam ser até a de garantia de sustento para si e para os filhos até o resto da vida —, então sim, ela se entregava aos braços do macho, na mais plena lascívia.

Hoje, no entanto, quando a estrutura econômica não só permite mas exige que a mulher assuma novos papéis na sociedade, tornando-se cada vez mais independente, a moral também se acomoda aos novos rumos, admitindo que a mulher seja mais permissiva.

Esta introdução teórica é para dizer o óbvio: todas as mulheres estão a fim e disponíveis, da ninfeta à balzaquiana, seja a sua vizinha ou a mulher de seu melhor amigo, sua colega de trabalho ou a garota da praia, a colegial no metrô ou a coquete no *shopping*, a recepcionista no dentista ou a aeromoça em pleno voo. Se alguma delas o interessa, entregue-se à tentação, pois da vida só se leva a vida que a gente leva.

Dito assim, tudo pode parecer muito fácil, mas não chegamos a um estágio de liberação em que podemos nos comportar como um casal de cachorrinhos que, mal se conhece, já se cheira, lambe e fôrnic. A moral está em constante evolução, mas os costumes evoluem a reboque, a uma distância de quase uma geração. A mulher ainda tem que simular que não quer o que quer e que sua

moral admite. Aí então estabelece-se uma guerrinha mentirosa da conquista, a única guerra em que os adversários ou ganham ou perdem juntos. A arma capaz de derrubar a fortaleza é a cantada, aquela conversa cheia de lábia com que se seduz a presa. Estou empregando o verbo *seduzir* — fora de moda — exatamente para reabilitar seu significado de *atrair*, pois vem do latim *seducere* (levar para o lado).

Numa cantada, o homem não deve aproximar-se da mulher como um trator e arrastá-la para a cama. Não, a cantada, para ser infalível, tem que ser arquitetada dentro de um princípio de lógica, que exige toda uma retórica: os argumentos de convencimento devem ser organizados de modo a atingir os objetivos a que se destinam, que é mesmo levar para a cama, mas de forma tal que a garota considere como uma opção dela, pois se sentiu atraída (leia-se: seduzida) por você.

É claro que não estou explicando isso para um idiota qualquer, mas para o leitor de ELE ELA, que é um homem de bom gosto, educado, limpo, atraente. Não é que para o sucesso se tenha que ser bonito ou vestir-se como um janota, mas ter boa aparência e trajar-se adequadamente a cada momento. Além disso, homem bem informado, você não terá dificuldade de conversar sobre qualquer assunto, porque, sem papo, você não ganha mesmo. Lembre-se que tudo isso é importante, pois as garotas têm hoje uma margem de opção muito grande. Você não terá que convencê-las a dar, mas mostrar-lhes que devem dar para você.

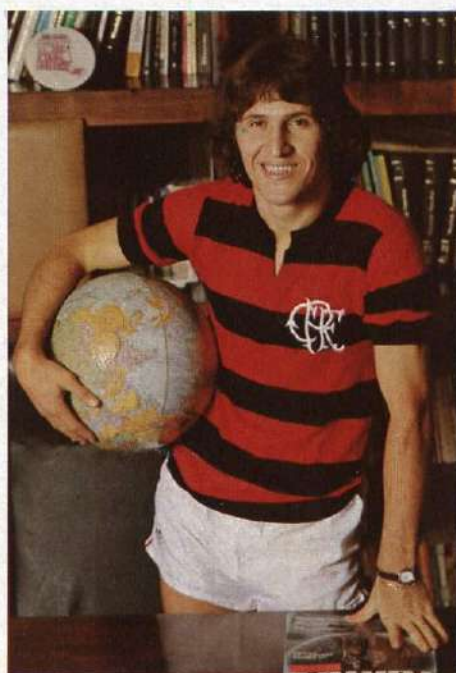
Antes de começarmos pelos casos mais simples, lembre-se que toda mulher detesta que terceiros notem que está sendo cantada. Portanto, a naturalidade é fundamental. Seja você mesmo... mas com técnica.

No escritório — Há anos que você trabalha numa empresa e nunca pensou em traçar determinada colega. Um dia,



GENTE **FINA** DESTAQUES ELE ELA 1981

Aqui estão os Destaques de ELE ELA 1981. São, ao todo, 14 pessoas que se distinguiram nos vários setores em que atuam, durante o ano que termina. Artistas, intelectuais, desportistas, que pertencem ao número restrito dos fora-de-série. A atriz LUCÉLIA SANTOS, que recriou no cinema o mito feminino de uma era, a também atriz Luz del Fuego, símbolo de contestação contra os preconceitos sociais. JUAREZ MACHADO, o pintor do *non-sense*, que foi fazer a cabeça de Nova Iorque. ZICO, grande campeão das três Américas. PAULO GRACINDO, com *prolfaças* à legendaria Sucupira. GRANDE OTELO, por sua volta triunfal aos palcos. MARIA BETHANIA, por sua garra num *show* sensacional. FAGNER, o cantor e compositor que está sempre em evidência. PEDRO NAVÁ, o destaque nas letras, por sua importante obra de memorialista. PEPÊ (Pedro Paulo Lopes), campeão mundial de asa delta. RONALDO MOURÃO, o astrônomo descobridor de asteróides e de segredos do céu. FERNANDA MONTENEGRO, a principal atriz na televisão. FERNANDO BARBOSA LIMA, sempre inovando a comunicação em TV. AGILDO RIBEIRO, que nos fez morrer de rir no palco e na



Zico

televisão. E HÉLIO PELLEGRINO, o psicanalista e escritor. Eles foram escolhidos pela equipe de ELE ELA, com a ajuda de um júri formado por Ricardo Amaral, Rosina Becker do Valle, Mário Agostinelli, Luís Carlos Miêlle, Albino Avellar, João Flávio Lemos de Moraes, Alcione Mazzeo, Scarlet Moon, Gilberto Braga e Jeff Thomas. Aos Destaques de ELE ELA, um troféu concebido pelo artista Mário Agostinelli e entregue em festa no Castel (Rio), oferecida pela Revista e o Grupo Dijon e organizada por Ana Maria Tornaghi e P.Giovanni Publicidade.



Grande Otelo



Lucélia Santos



Fernanda Montenegro



Pedro Nava



Paulo Gracindo



Pepê



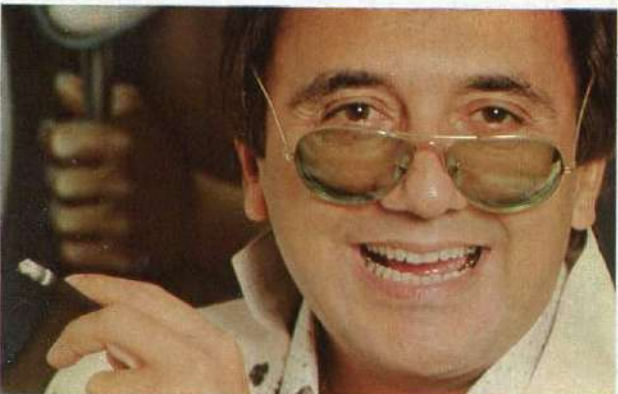
Maria Bethania



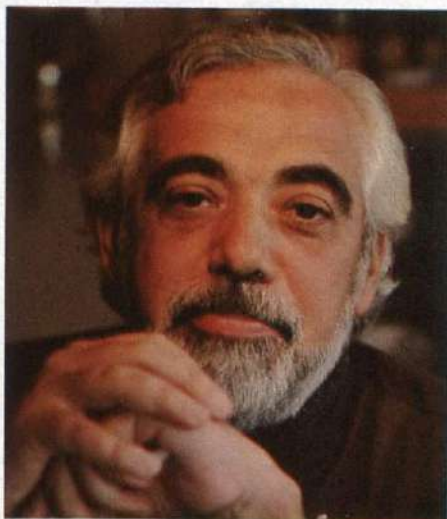
Juarez Machado



Fagner



Agildo Ribeiro



Fernando Barbosa Lima



Ronaldo Mourão



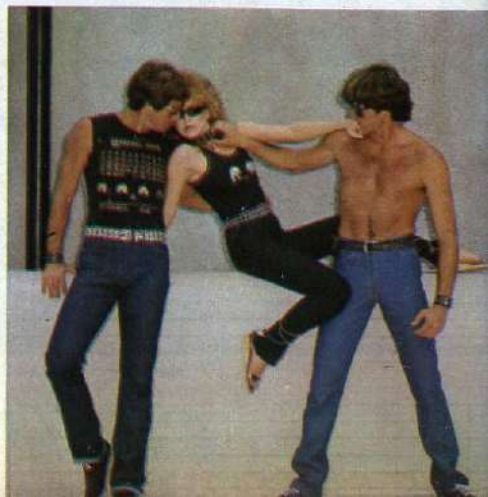
Hélio Pellegrino



ROMÂNTICO, DESCONTRAÍDO

Branco que te quero branco, eterno branco. Esta a tendência maior, em matéria de *jeans*, para este verão 81-82. Nas camisas e acessórios predominam o azul e o vermelho. Tudo é tricolor, como se vê acima, à esquerda: Haroldo usa camisa de algodão da Ellus, cinto Wrangler, calça Flamer's e tênis Top Skit, Lia exibe um *T-shirt* em malha da Malibu, calça com pesponto vermelho Ellus, tênis Bee, óculos Tania & Wolf e acessórios Bee, enquanto Luís Orlando está com colete de *nylon* Ellus, *T-shirt* em malha Ellus, cinto

em lona Inega, calça Villejack, tênis Adidas. Sempre fiel ao *blanc, blue e rouge*, o *jeans* Q Estica combina com camisas decoradas com flores, frutas, ou o que a imaginação ditar. Confira-se acima, à direita. Luís Orlando usa *T-shirt* em malha Toulon, cinto Wrangler, calça em *jeans* com Lycra Cukier, tênis Adidas. Lia está com *T-shirt* em malha da Bee, *jeans* com Lycra Valentino, cinto Mônaco, meia em malha e sandália Petit Ballet, e Haroldo com *T-shirt* em malha Bee, cinto Inega, calça em *jeans* com Lycra



Fotos de Nilton Ricardo

Produção de Fred Ayres e Fernando Cussate (assistente)
Fotografado nos estúdios da Rádio Manchete
e Restaurante Castelo da Lagoa



OU NEW WAVE: SEMPRE JEANS



Orange Jeans. Extravagante, revelando fixação sadomasoquista, é a tendência da New Wave, à esquerda.

Os acessórios são sempre de couro, com tachas e metais. Haroldo usa calça em *indigo blue* USTop, tênis Olimpikus, cinto e pulseiras Yes Brazil. Tânia está com camiseta em malha da Festa, calça em Lycra da Elle et Lui, sandália da Lelé da Cuca, óculos Di Paolo, cinto e acessórios da Yes Brasil, e Luís Orlando com camiseta em malha da Flying Dutchman, calça Val's, óculos Di

Paolo, tênis All Color, acessórios Yes Brazil. Ainda na onda do branco, agora harmonizado apenas com o azul, vemos, à direita, Luís Orlando (com óculos Di Paolo, camisa em malha Pool, calça Chopper, cinto em Lona Adônis, tênis All Color), Lia (*T-shirt* em malha da Malibu, cinto elástico Eneas Franco, calça Transport, tênis Topper, acessórios Bee) e Haroldo (camisa em malha Lacoste Snug, sobrecamisa em algodão Bee, óculos solar Di Paolo, calça Nexus, tênis Olimpikus).



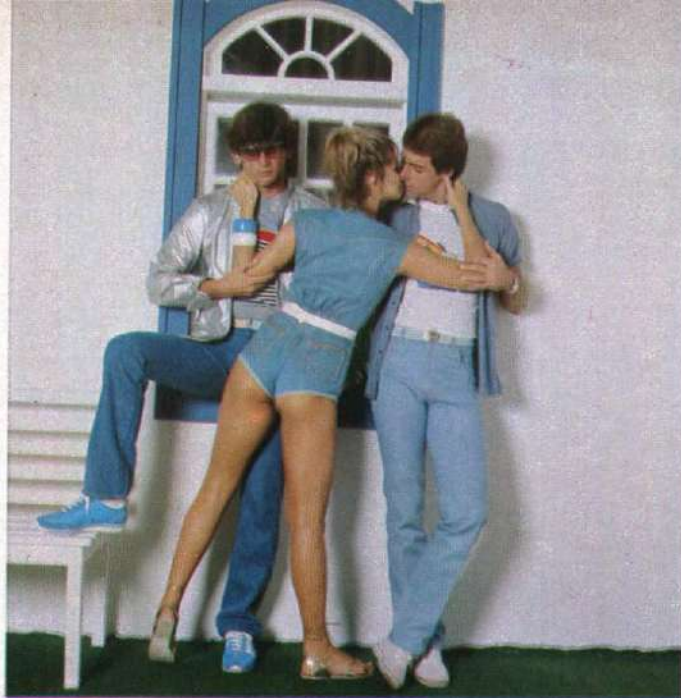
Para a noite dele, *blazers* desestruturados em *jeans* e combinações de *jeans* e *blazers* em linho. Para ela, *jeans* com acabamento em fio dourado, *strass* e metalizados (alguns chegam a ter fio em ouro de 18 quilates). Acima, à esquerda, Paulo usa um conjunto de *blazer* em linho branco, camisa em algodão, gravata em seda, *jeans indigo blue*, da Elle et Lui. Lídia Pia está com uma blusa tomara-que-caia em crepe, da Pinthia, calça em *jeans* com *strass*, da Festa, e Luís Orlando, com *blazer* de linho *blue-de-chine*, camisa em algodão, gravata em crochê, calça em *indigo blue*, metalizado, da Dijon. Acima, à direita, Luís Orlando usa terno em *jeans* da Panther, sapato Adônis, camisa Oslo, gravata Cardin, cinto Wrangler. Lia está com *blazer* em linho da Trixy, saia em *jeans* com pesponto Inega, sandália Cerly, óculos Di Paolo e bijuterias Bijou Box, e Haroldo com *blazer* Cardin, camisa Oslo, gravata Marco 2, calça Levis da Jeans Store e mocassim Bee. Outra tendência de verão para o jovem executivo é o *jeans* cidade. Ao lado, Luís Orlando usa *blazer* Panther, camisa Lothar, calça Toulon, óculos solar Di Paolo, sapato mocassim Toulon, gravata Cardin, da Adônis. Lia está com *blazer* Vals, saia-calça Vals, blusa em *lingerie* New Gipsy, sandália da Cerly e óculos Di Paolo e Haroldo com *blazer* desestruturado Freinex, cinto Mundial, calça Gucci, camisa Dior, gravata Lanvin, sapato Toulon e óculos Camarim.



A cor do som não importa. Importam as cores do *jeans*. Muitas, para este verão desinibido e embalado em bons ritmos: vermelho, verde, branco com listras, marrom, cáqui, roxo e maravilha. E também azul-claro, cor que Luís Orlando (acima, à esquerda) escolheu para a sua calça em *jeans color* Cukier. Seu *T-shirt* em malha é da Anonimato, o tênis Rainha e o cinto em fio *transé* da Great. Xuxa usa camisa em viscose da Flying Dutchman, calça em *jeans* listrado da Bee, cinto em lona da Wrangler e sandália Cerly. Haroldo está com *T-shirt* em malha da Anonimato, cinto em lona Wrangler, calça em brim acetinado Inega e tênis Conga All Color. Outra tendência irresistível deste verão: o *stone washed* (*jeans*

submetido a processo de envelhecimento que lhe dá uma aparência de uso equivalente à obtida após vinte lavagens) usado (ao alto, à direita) por Luís Orlando (com *jeans* em malha Ellus, calça Elle et Lui, cinto Wrangler, tênis Olimpikus), Xuxa (com *T-shirt* em malha Crazy Shirt, bermuda Chavon, sandália Varese) e Haroldo (com camisa em algodão Dior, cinto e calça Wrangler, tênis Rainha). Ainda na base do informal, o *jeans délavée* (desbotado) usado (acima, à direita) por Haroldo. Ele está com blusão metalizado da Century, *T-shirt* em malha Ellus, cinto Wrangler, calça Levi's da Jeans Store, óculos solar Di Paolo e tênis Jeans Store. Xuxa usa macaquinho Tilty's, cinto Wrangler,





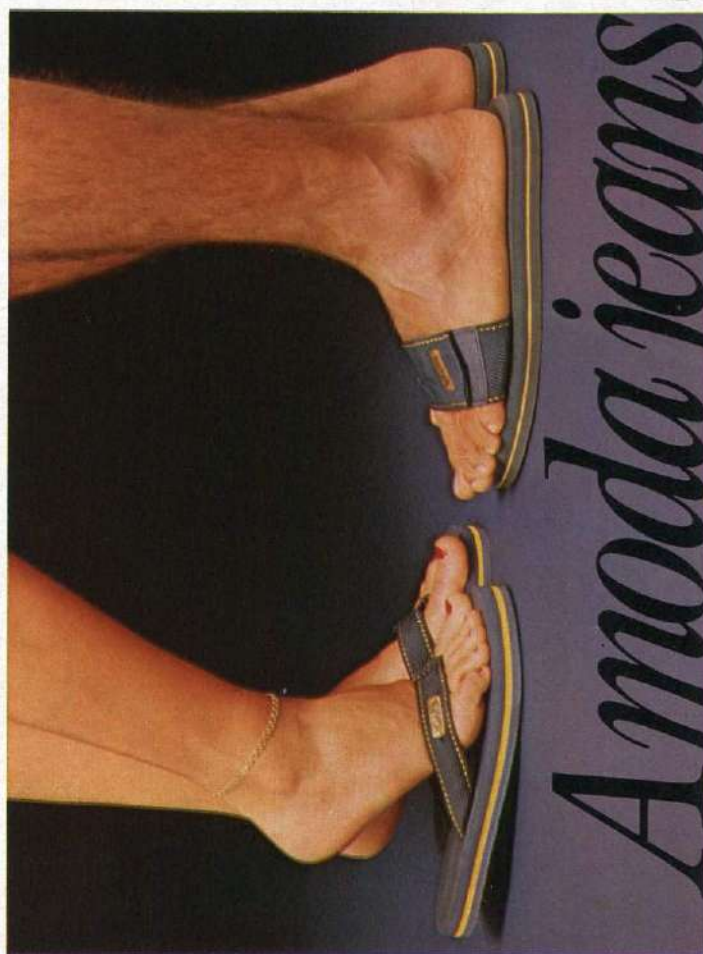
sandália com tirinha dourada da Mônaco, enquanto Luís Orlando veste uma camisa em algodão com gola em malha Gledson, *T-shirt* em malha Ellus, calça Guy Laroche e tênis Rainha. Sempre levado por bons ritmos e com as cores esfuziantes da moda (ao lado), vemos Luís Orlando (com *T-shirt* em malha da Malibu, colete em nylon Gledson, cinto em lona Wrangler, calça em brim acetinado New Man e tênis All Color), Xuxa (com blusão em malha Bee, cintão em lona Bee, calça em *jeans color* da Bee e sandália Bee) e Haroldo (com camisa em viscose da Snug, calça em *jeans color* Matitte da Snug, cinto em lona Inega e tênis All Color).

Surf Jeans.

Sexy da cabeça aos pés. É assim que você fica quando usa a sandália Surf Jeans.

Quem fez do jeans a sua segunda pele e gosta de conforto e descontração, está amando a nossa sandália. Saca só: ela não esconde nada e vem numa embalagem transparente toda transparente, que você leva pra onde quiser. A tira aderente não solta nem debaixo d'água. A tira tradicional não rebenta nem que você tente.

Sandália Surf Jeans. Combina certinho com você, com seu jeito de viver e levou a moda jeans lá para os pés.



A moda jeans chegou aos pés.

Norma Bengell, Dorinha Duval, Irma Álvarez, Rose Rondelli, Anilza Leoni, Sônia Mamede, Míriam Pérsia, Eloína, Luana, Angelita Martínez, Virgínia Lane, Mara Rúbia...
inesquecíveis e indefiníveis.

Um carioca. Sérgio Marcos Rangel Porto, jornalista, radialista, humorista, escritor, poeta, homem de televisão e de *shows* noturnos, tradutor, crítico de música popular brasileira e de *jazz*. Grandalhão, inteligente, engraçado, charmoso, em paz com a vida e os vivos, acima do bem e do mal, amigo. Um dia leu *Memórias de Serafim Ponte Grande* (que contém, entre outras, a seguinte frase: "Hoje enrabei Dona Lalá"), de Oswald de Andrade. Tinha achado o grande filão da irreverência. E o pseudônimo: Stanislaw Ponte Preta. Sua obra, cariôquíssima, está distribuída em jornais e revistas dos anos 50/60 e em nove livros, contando histórias de um Rio, um Brasil, um mundo que não existem mais. Segundo Jorge Amado — no prefácio do livro *As Cariocas*, 1967 —, Stanislaw, Stan ou Lalau, mais do que um pseudônimo, é personagem e autor, é a outra face de Sérgio Porto, que renovou a crônica, gênero que atingiu surpreendente altura literária naquela época. Ainda de acordo com Jorge Amado, a criação da figura de Stanislaw foi uma grande façanha literária e resultou da necessidade que teve Sérgio Porto de um instrumento para aplicar seu alto moralismo, para atingir mais fundo, com sua crítica, a absurda sociedade em que vivíamos (e que continuamos vivendo, talvez mais absurda ainda). Stanislaw — o Lalau — teria, então, crescido, imaginariamente, claro, dentro de uma família de um delicioso pitoresco: Tia Zulmira, a sábia anciã; Mirinho, o calhorda completo; Bonifácio, o patriota; Rosamundo, o distraído; cada um deles concorrendo com sua fisionomia própria para o grande painel da vida brasileira em geral e carioca em particular.

Morreu no último dia de setembro de 1968, do coração, com pouco mais de 40 anos de idade. Inventou o famoso *Febeapá*, ou seja, Festival de Besteiras Que Assola o País, onde retratou com ironia e senso de humor, os acontecimentos em marcha na nossa vida pública. Criou as *certinhas* (mais ou menos, a *gatinha*, de hoje). E, mais do que todos os brasileiros que já se foram, está fazendo muita falta.

Por isso, esta carta do jornalista Renato Sérgio a ele, Sérgio Porto, o Stanislaw, Lalau, para os (muitos) amigos, como o autor do texto que se segue.

POR RENATO SÉRGIO

ILUSTRAÇÃO DE LAN



AS CERTINHAS DO LALAU



Rio, novembro de 1981.

Querido Lalau.

De repente, me pediram para escrever sobre as suas *certinhas*. Pô — ponderei tarefa menos árdua é explicar a um inglês o que é ponto facultativo ou fazer um sueco entender o bumba-meu-boi. Luta menos inglória é convencer folião paulista de primeiro carnaval carioca que muito melhor do que a nudez freudiana e apocalíptica do baile do Monte Libano são os fellinianos *cróvis* (essa comovente corruptela que, de *clown*, palhaço, em inglês, passou para *clóvis* e depois para *cróvis*, *craro*) dos subúrbios e guaratibas do Rio, que ainda guardam o que resta de realmente autêntico nessa folia nossa de cada ano.

Tentei, até. Não deu. Comecei a deitar falação, quase dormiram. Apelei, querendo vencer a rapaziada que eu andava em dias que a gente tem mais é vontade de ir até o aeroporto mais próximo, puxar todas as notas e até níqueis, e dizer, em qualquer balcão: “Me dá isso de passagem!” Não adiantou. Queriam, porque queriam, saber das *certinhas*. E agora? Sabê-las, sei; descrevê-las, quem há-de? Arrisquei, repetindo aquela sua velha história batizada *O Acidente*, na qual, inconsciente ou subconscientemente, estaria o primeiro traço do estudo do esboço da tentativa de um desenho inacabado da *certinha*. Como você era um cineasta que usava máquina de escrever, tinha feito um curta-metragem que poderia ser uma cena rápida do cotidiano de uma *certinha*. Luz, câmara e ação, pois:

“Foi no Aterro do Flamengo, às seis horas da tarde. Na chamada hora do *rush*, portanto. Iamos em demanda a Copacabana, quando o motorista do nosso carro, distraído, não reparou que o sinal fechara e foi de encontro ao pára-choque do carro da frente. Botou a cabeça pra fora, no intuito de pedir desculpas, mas o motorista do carro abalroado nem sequer reclamou, o que não deixa de ser um caso inédito na história do trânsito do Rio. Na hora em que o sinal reabriu, logo ali na entrada do Aterro, é que se viu que os carros estavam engatados. Saltamos todos, para ajudar a desengatar, e já um barulho ensurdecedor de buzinas nos obrigava a falar aos berros, para sermos ouvidos uns pelos outros. Puxa daqui, empurra dali, e nada de os pára-choques se desengatarem. O motorista do carro da frente devia estar no bolo, dando ordens também. Um crioulo surgiu no meio do mar de automóveis e tomou a si a tarefa de desimpedir o tráfego. Felizmente era um crioulo comum. Se fosse um guarda de trânsito ia complicar mais a coisa. O crioulo, porém, sofria de utilidade pública. E, num instante, im-

pôs a sua proposta. Já então éramos bem umas 30 pessoas, a tentar livrar os pára-choques. Ele elevou a voz acima do barulho das buzinas e berrou:

— Vou *ritimar* nossas tarefas.

Quando eu disser *uuuummmm*, os senhores *levanta* o carro da frente; quando eu disser *dooooiiiss*, os senhores *abaixa* o carro de trás. Tá feito?

Tava feito. Dividimo-nos em dois grupos, um de levantar, outro de abaixar. E o crioulo-maestro começou:

— *Uuuuummm... doooooiiiss!*

Na quinta tentativa, sempre sob o barulho infernal das buzinas, conseguimos desengatar os carros. Pronto. Estava tudo resolvido. Agora, era só cada um entrar no seu carro e tocar para a frente. Mas onde estava o motorista do carro abalroado, que a gente pensou que estivesse no bolo do *uuuummmm*, *dooooiiiss*, também, mas que até então não tinha dado o ar de sua graça, nem sequer fora identificado? Todos (agora já éramos uns 50) começamos a procurá-lo.

“Bolei as certinhas para homenagear a maior invenção deste mundo: a mulher E tem nego que não é chegado. Melhor pra nós”

Foi quando se ouviu a voz feminina:

Acabaram com a palhaçada?

A moça, belíssima, elegantíssima, e enojadíssima de ver nossas mãos tão sujas, parada no meio-fio, desceu com andar ondulante, entrou no carro da frente, sem se dignar a olhar para ninguém, e saiu a toda velocidade, deixando aquele punhado de marmanjos em pleno asfalto, boca aberta e olhos arregalados. Éramos todos uns idiotas, a serviço do trânsito carioca.”

Acrescentei que suas *certinhas* seriam mais ou menos assim. Pelo menos seriam capazes de ser assim. Disseram que era pouco, era vago. Queriam saber como é que eram as suas *certinhas*, na realidade. De sutilezas, bastava um elefante cheio de guisos ou a gargalhada do Carlinhos Niemeyer. Falei, então, em Valentim. Afinal, ele era o fotógrafo oficial das *certinhas* que saíam todos os dias na sua coluna, no *Tablóide* e na fase do segundo caderno da velha *Última Hora* do começo dos anos 50 até pouco

mais da metade dos anos 60, entre as quais eram escolhidas as *10 mais* no fim de cada 365 dias, exceção feita aos bissexto (não confundir com bissexuais). Habilmente, revelei que Valentim está nos Estados Unidos já há alguns anos, que vai muito bem, obrigado, máquinas fotográficas não mais a tiracolo, mas penduradas; que se burocratizou, endinheirou-se devidamente em dólar e, se voltar, dá uma de Carmen Miranda; volta americanizado, glamourizado.

Em vão. Queriam as *certinhas* e não quem fazia *click* na frente — ou atrás — delas. Daí que enveredei para o perigoso terreno da galhofa, como dizia você. E lasquei outra sua:

“Em São Paulo, uma senhora chamada Marina Fidelino era líder divorcista. Talvez o Nelson Carneiro nem soubesse disso, mas tinha uma colega paulista, que, além de divorcista, era líder feminista. E deu uma entrevista dizendo que o então atual estado de coisas não podia continuar. De estado em estado, chegou ao estado civil dos casais entortados. Madame Fidelino não explicava se era casada, solteira ou avulsa, mas, pelo jeito, estava sem marido, pois falava das damas em disponibilidade conjugal, com tal conhecimento de causa, que a gente via logo que no quarto dela tinha uma vaga. Espinafrava os homens de um modo geral e os homens que se separaram, em particular. Disse que nosso governo (não chegava a dizer qual dos governos) já devia ter tomado uma providência para amparar as mulheres separadas, que a Justiça é cega e, por isso, não via as dificuldades que elas passam, por causa dos homens. Acrescentava: 90% dos homens que abandonaram suas esposas não lhes prestavam assistência financeira. E fundou a *Sociedade das Mulheres Separadas*. Quando Primo Altamirando soube que essa entidade já existia, pegou o telefone e pediu interurbano. Quando atenderam, o nefando Mirinho perguntou: ‘É da Sociedade das Mulheres Separadas?’ Responderam: ‘É, sim, senhor.’ Ele: ‘Então me separa duas aí, pra sábado!’”

Claro, Dona Marina Fidelino jamais seria uma *certinha* — corri a esclarecer. Entre outros motivos, porque a feminilidade, um dos atributos inerentes às *certinhas*, parece que não era exatamente o forte dessa paulista separatista. E corri até o Paulinho (da Pesquisa) à cata de maiores esclarecimentos.

“Não sei descrever feminilidade disse você um dia, Lalau, tava lá no recorte de jornal —, mas sei sentir. As vezes descubro-a até num detalhe, um calcanhar, um sorriso. Quanto ao procedimento da mulher diante da crise histórica que atravessa no momento, acho apenas que ela não devia marchar. Se ela

marchasse menos, a crise não estaria aí. Não sou contra a mulher na política, ela tem direitos iguais ao homem. Mas se entra para associações, o máximo que pode sair é um *pif-paf*. O que ela tem de fazer para superar a crise é usar as armas que as mulheres sérias como Adalgisa Néri, Raquel de Queirós, Fernanda Montenegro e Clarice Lispector usam. Sobre a mulher doméstica, infelizmente não achei uma. Tenho a maior inveja do burguesão realizado. O mundo é dos pobres de espírito, foi Jesus quem falou. Minha opinião sobre a mulher independente é a melhor possível, embora ela seja muito mal vista pelas outras, vítimas de preconceitos que crescem na razão direta de sua liberdade. Mas dentro dessa luta, ela nunca deve esquecer seu aspecto físico, no sentido da feminilidade. Não precisa andar de calças velhas (compridas) e camisa de homem. O problema da falta d'água não é desculpa, ela que quebre o galho. Nunca fui mulher, mas acho que para ela amar livremente tem de enfrentar muitos vizinhos, muita mulher na janela, muita amiga invejosa."

Houve um silêncio, que significava simplesmente o seguinte: eles queriam que eu ou você falássemos das *certinhas* e não de feminilidade, que seria apenas uma parte desse universo todo que é ser (ter sido) uma *certinha*. Foi quando botei você outra vez na roda, em forma de depoimento:

"Me perguntam qual a mais *certinha* das *certinhas*. Mas se pra escolher 10 de cada vez já é duro, imagina escolher uma só no meio delas! Bom mesmo é mulher. Aliás, tem nego que não é muito chegado; melhor pra nós. Quando bolei as *certinhas* quis homenagear a maior invenção deste mundo: a mulher. Agora, esse negócio de *expert* em mulher me parece um pouco temeroso. Uma vez já quiseram me apelidar disso aí, mas eu chiei, declarando ao colega jornalista que me concedeu o título, que não entendo nada do assunto. O fato de escolher as *certinhas* é pura picardia e nada tem de conhecimentos profundos. Lembro-me até que ponderei: ninguém entende de mulher, nem o diabo, pois se entendesse não tinha chifres."

Modesto, conforme se vê aduzi ao pessoal. E somei: porque mulher era exatamente a matéria-prima de sua vasta produção jornalístico-lítero-hilarante. Exemplo? Repeti outra sua:

"Primo Altamirando foi dormir lá em casa. Quando ele aparece e pede pouxada ou está sendo cercado por algum senhorio ou perseguido pela polícia, tanto que eu já nem pergunto qual é o babado, pra não me sentir cúmplice. O



Carmen Verônica



Norma Bengell



Rossana Ghesa



Aizita Nascimento



Lady Hilda



Íris Bruzzi



Rose Rondelli



Sérgio, o Stanislaw, Stan ou Lalau, escrevia uma coluna diária em jornal (entre mil e uma outras coisas), onde aparecia sempre uma *certinha*, escolhida entre as estrelas e candidatas a das noites cariocas, então risonhas e francas. No final do ano, escolhia as 10 *mais* (e nós escolhemos nove).



Míriam Pérsia



Irma Álvarez

Continua na página 120





SUZETTE

Fotos de S. Carter

Copyright 1981 Revista *Lui*

Quando morava em Avignon, sua terra natal, seu destino já estava traçado. O pai de Suzette era dono de um pequeno estúdio fotográfico, onde a menininha ficava só na paquera,

deslumbrada com a mágica da captura de imagens que o pai-herói fazia a toda hora. Eis que, um dia, a *demoiselle d'Avignon* pinta na Cidade-Luz, e. câmara, ação e tchan, tchan, tchan, tchan!





“
Um pintor
célebre retratou
donzelas de
minha terra, mas
nenhum artista
conseguiu chegar
ao âmago
da questão
”

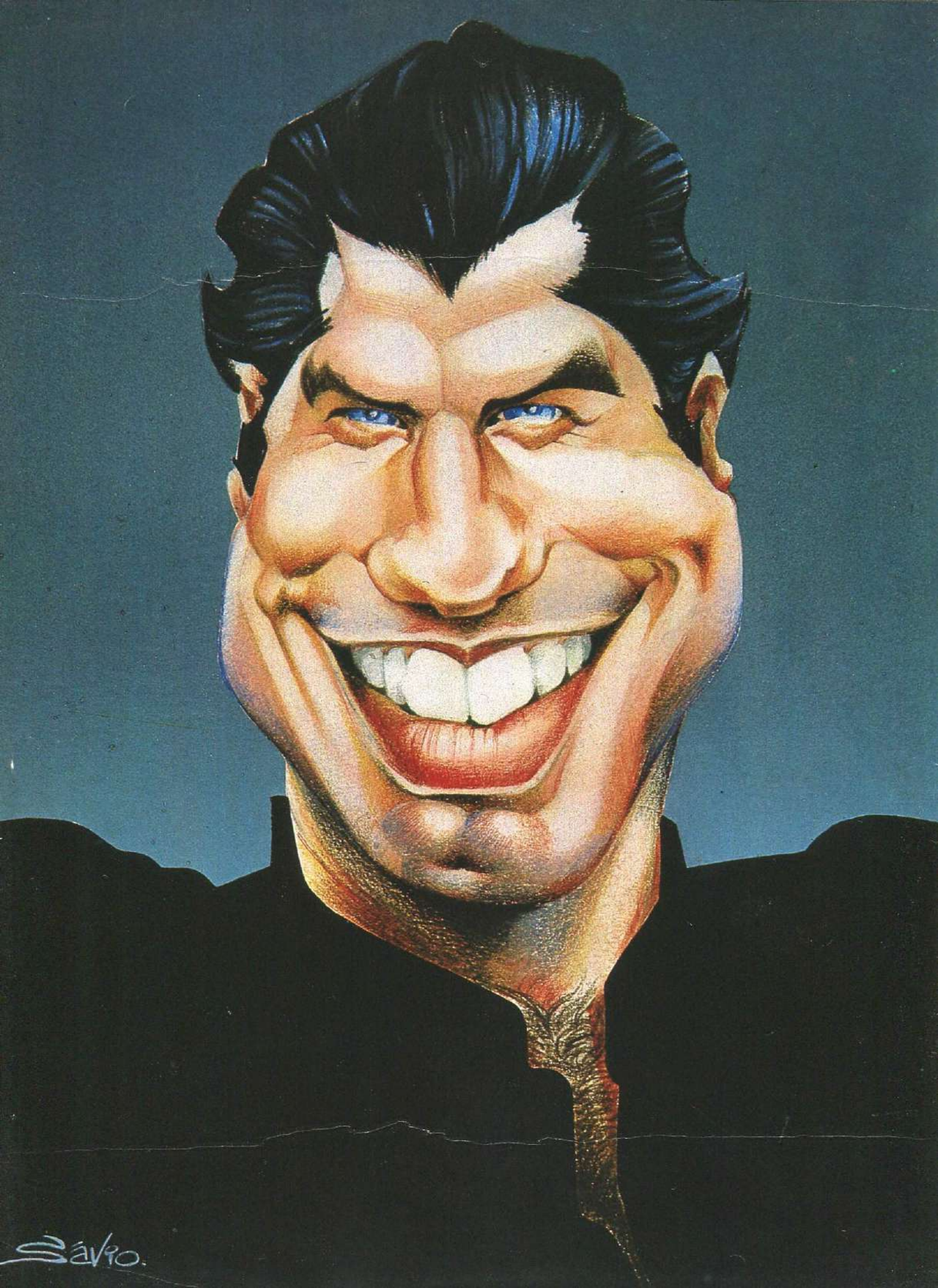




“
*Um pintor
célebre retratou
donzelas de
minha terra, mas
nenhum artista
conseguiu chegar
ao âmago
da questão*
”







Savio.

ENTREVISTA A
FLÁVIO MARINHO

ILUSTRAÇÃO DE SÁVIO
FOTO DE VADOR GOULART

SÃO quase 1 metro e 90 de *jeans* justo e desbotado, botas de couro marrom e bico fino, camisa preta contrastando com a pele muito branca e olhos muito azuis. Tranquilo, estudadamente descontraído, afável e profissional, sem qualquer máscara de *superstar*, Travolta responde a todas as perguntas, mesmo às indiscrições sobre sua fama de *latin lover* e sucessor de Cesar Romero ou Ricardo Montalban. “Acredito que o sexo na tela é importante”, explica ele, “porque geralmente é eficaz. Se um papel é *sexy*, não vejo por que fazê-lo de outra maneira. Mas quando não é, vira apelação. Nos *Embalos*, especificamente, era importante que aquele rapaz transmitisse aquela carga de sensualidade. E eu não me importei em tentar passar isso. Porque era a coisa certa a ser feita pela personagem. Eu me importo, isso sim, com a tendência que as pessoas têm de estereotipar a imagem dos artistas. Não sou um mero símbolo sexual. Sou um ator. Tanto que, em *Um Tiro na Noite*, não existe essa necessidade. É mais importante a trama política. Seria errado enfatizar o lado *sexy* do personagem.”

JOHN TRAVOLTA

“Não sou
um símbolo
sexual,
sou um ator”

Aos 27 anos, ele foi indicado ao Oscar por seu trabalho em *Os Embalos de Sábado à Noite* (77). O filme, ao lado de *Nos Tempos da Brilhantina* (78), outro sucesso de sua filmografia, mantém-se na lista dos de maiores bilheterias dos anos 70. Nessa época, morre sua companheira — a atriz Diana Hyland — e, meses depois, sua mãe. Em seguida, John Travolta amarga seu primeiro fracasso comercial, com *Vivendo a Cada Momento* (79), mas dá a volta por cima com *Cowboy do Asfalto* (80). Seu mais recente filme, *Um Tiro na Noite*, estreou em outubro no Brasil, em circuito nacional. Nele, Travolta demonstra ser capaz de fazer um papel dramático e que não é um mero símbolo sexual, como ele afirma nesta entrevista exclusiva a ELE ELA.

ELE ELA — De qualquer forma, existem certas acusações moralistas de que você trouxe uma efeminação à tradicional imagem do macho americano. Você concorda com isso?

TRAVOLTA — Não. Creio ter trazido alguma sensibilidade a essa chamada imagem. Assim mesmo, muita gente, antes de mim, havia feito isso. Não fui o pioneiro. Ainda assim, essa sensibilidade do homem deve ser apresentada de uma forma masculina, senão as pessoas não aceitarão. Creio que ainda existe muita gente preconceituosa por aí. O trabalho deve ser feito muito organicamente, pois, de outra forma, haverá uma rejeição geral.

Você tem sido comparado, freqüentemente, a Marlon Brando quando jovem. A comparação procede ou você se considera um “original”?

Pra te falar a verdade, há momentos em que também vejo algumas semelhanças físicas, além de um certo tipo de sensibilidade. Mas a verdade é que, na maioria das vezes, tais comparações surgem porque os críticos e jornalistas precisam de um ponto de referência para facilitar a descrição do ator para o leitor. Ao mesmo tempo, a mesma crítica (Pauline Kael da revista semanal *The New Yorker*) que me comparou a Brando, logo depois disse que eu também era “totalmente original”. Quer dizer, não dá pra confiar muito nessas comparações. Porque não é que elas sejam contraditórias, mas elas são reflexos do que o redator está sentindo naquele determinado momento.

Mas como você se sente quando vê seu trabalho comparado ao de Brando, James Dean ou Montgomery Clift?

Não me sinto muito especial. Inclusive porque, quando comecei a trabalhar em cinema eu tinha visto muito pouca coisa feita pelo Montgomery Clift, James Dean ou Marlon Brando. Não conhecia o trabalho deles e, no entanto, para onde quer que me virasse ouvia comparações a eles. Eu me perguntava: por quê? Então, resolvi fazer um esforço e vi todos os filmes deles. Aí, então, pude perceber certas semelhanças com a expressão de um, a inflexão de outro. Mas, acredite-me, todas as pessoas que passaram pela tela foram comparadas a outras. Uma coisa, como já te disse, perfeitamente compreensível.

— Depois de dois enormes sucessos — *Os Embalos de Sábado à Noite* e *Nos Tempos da Brilhantina* — você estrelou um fracasso de público e crítica chamada *Vivendo a Cada Momento*, ao lado de Lily Tomlin. Como você conseguiu dar a volta por cima?

Muito facilmente. Agarrei-me ao filme que ia fazer em seguida. É o que todo mundo faz. Mesmo em outras áreas. Se você, por exemplo, escreve uma matéria que não é muito bem-sucedida, o que você faz? Dá tudo o que pode na matéria seguinte. “Não existe

melhor desodorante que o sucesso", diz Liz Taylor. E ela está coberta de razão. Há que se dar a volta por cima, criando ainda mais, jogando-se por inteiro. É claro que, por um ou dois meses, a barra pesou um pouco, andei meio deprimido e tal. Mas não podia ficar lá, sentado, curtindo fossa o resto da vida. E logo que descobri o roteiro de *Cowboy do Asfalto*, passei a me dedicar a ele e toda aquela tristeza foi embora. Ficar chorando pelo leite derramando é pura perda de tempo.

Mas você usou sua experiência pessoal, com Diana Hyland, sua namorada 18 anos mais velha, como uma espécie de base para seu caso com Lily Tomlin em *Vivendo a Cada Momento*?

— É engraçado. Também me perguntaram isso na época do lançamento do filme nos EUA. E a resposta é não. Meu relacionamento com Diana era cem por cento diferente do daquele casal no filme. Para começar, eu não sou como ele — um vagabundo de praia — e Diana não era tão confusa e neurótica quanto a personagem de Lily. Eu e Diana éramos astros de séries de TV Americana, levávamos uma vida muito feliz juntos, sem aquele drama todo do filme.

— Após a sua morte, não existe sequer um registro de um relacionamento afetivo mais firme. Trata-se de uma mera coincidência ou a perda de Diana foi algo realmente traumático para você?

Não diria traumático. Mas foi, sem dúvida, dramático. Ao contrário do que foi noticiado por aí, cheguei a ter alguns casos, desde então. Mas nenhum tão mágico quanto o que tive com ela. Nós nos divertíamos à beça extraíamos prazer de tudo. Uma fase ótima da minha vida.

Há alguns meses, houve um certo boato de um romance entre você e...

Brooke Shields? Não é boato, é verdade. Houve mesmo. Mas durou muito pouco. Acho que a diferença de idade (onze anos) pesou. Isso porque, quando se é adolescente, a diferença de idade parece que aumenta, na medida em que a sua realidade é muito diferente: uma vida girando em torno da escola, da mãe, do dever-de-casa. No verão, férias dela não havia esses problemas. Mas, agora, nossas vidas ficaram separadas por um abismo.

Quer dizer que você acha mais fácil manter um relacionamento com uma mulher mais velha — ou, pelo menos, mais madura?

Não, não. Creio que não existe idade para isso. Talvez se Brooke tivesse, pelo menos, 18 anos, ela estaria em outra e seria totalmente diferente. Tem mais a ver com o que se está fazendo do que com a idade propriamente dita.



John Travolta: "Meu romance com Brooke Shields? Não é boato, houve mesmo. Mas durou muito pouco. Acho que a diferença de idade pesou."

Num balanço geral, existiram, então, duas mulheres fortes em sua vida: sua mãe e Diana Hyland. A partir disso como você vê o movimento feminista, nos dias de hoje?

— Para te dar uma resposta que não seja leviana, eu teria que aprender e conhecer direito o assunto. Porque, na minha família, as mulheres faziam o que bem entendessem; eram, realmente, independentes. Quando saí de casa e comecei a trabalhar, vi as reivindicações feministas e perguntava a elas: "Meu Deus, qual é o problema?" E me respondiam: "Necessidade de liberação, etc. e tal." E eu: "Ah, bem." Acabei chegando à conclusão de que vinha de uma família de exceção, no sentido de excepcional do termo. Daí a minha necessidade de saber direito o que querem as mulheres para entender melhor o movimento. Na minha vida, só encontrei mulheres independentes dentro e fora da família. Talvez porque no mundo do *show business* a coisa se passe dessa forma. É mais fácil ser liberada, poderosa e, às vezes, ter até um melhor salário que o homem quando a mulher trabalha no cinema. Creio que em outras áreas o quadro é outro. Qualquer homem que trabalhe em *show business*, certamente lhe dará a mesma resposta.

E o fato de sua mãe ter sido uma atriz influenciou sua carreira?

Ela não chegou a influenciar, mas, sem dúvida, fez com que nascesse em mim o interesse pelo cinema. Minha mãe e minhas duas irmãs eram do *show business* e eu adorava assisti-las, fazendo os números mais famosos dos tradicionais musicais americanos. Vi logo, desde criança, que era aquilo o que eu queria fazer. Então, quando optei pelo *show business*, tive todo o apoio familiar possível. Inclusive de meu pai. Todo mundo me deu força. Mas só comecei a me dar conta de como isso é raro de uns tempos para cá, quando ouço os pesadelos familiares que outros artistas tiveram que enfrentar para ingressar na

profissão. Sempre fico muito surpreso quando um colega conta seus problemas e reajo, espontaneamente: "Minha nossa, seus pais realmente tentaram te impedir?" Hoje em dia, costumo ligar pro meu pai e agradecer muito por ele não ter colocado obstáculos. Um agradecimento por não ter feito o que todos os pais costumam fazer.

Em *Um Tiro na Noite*, embora haja uma forte estória de amor entre o seu personagem e o interpretado por Nancy Allen, vocês não chegam sequer a ir para a cama. Há, apenas, durante o filme inteiro, um simples (e rápido) beijo na boca. Existe alguma intenção artística por trás disso?

É claro. A relação deles não é o ponto central do filme. Não teria sentido aprofundar os dois. Quando ela morre, por exemplo, e ele a toma nos braços em absoluto desespero, sua dor é muito mais ampla e abrangente, porque aquilo não significa apenas a morte dela: reflete a reincidência de um erro da parte dele que o próprio havia se prometido não mais cometer, reflete a consciência dos limites da tecnologia, de que ela não tem poderes para tudo controlar. Tudo isso o leva a uma profunda crise existencial, a repensar seus valores, que é, justamente, o estado reflexivo emocional em que o personagem é deixado no final do filme.

— Então, a seu ver, *Um Tiro na Noite* é, mais do que tudo, um filme político?

É um *thriller* de cunho político na medida em que critica a possibilidade de corrupção num regime que se diz democrático como o dos Estados Unidos. Naturalmente, não é sempre que a corrupção acontece. Mas quando ocorre, é uma coisa que deve ser mostrada. Não se trata de uma afirmação generalizada. Mas as coisas podem se passar como o filme retrata. Já aconteceu no passado dos EUA. Nada impede que esteja acontecendo ou que possa vir a acontecer.

E você tem alguma idéia do que pode vir a acontecer com a sua vida pessoal e profissional?

Eu me vejo numa boa. Depois da morte da minha mãe, continuei em contato com toda a família — antes de vir para o Brasil, passei duas semanas com ela —, a gente tem um bom diálogo e entrosamento. Quanto à minha profissão, creio que *Um Tiro na Noite* apagou de vez aquela estereotipada imagem de símbolo sexual. Vou continuar provando que sou um ator e pretendo, de agora em diante, me envolver em todos os gêneros: do *western* ao musical mais tradicional. Sem essa de rótulo.



de expressão ontológica inquietante.

Reedição também da Nova Fronteira é a da tradução brasileira (a cargo de Galeão Coutinho e Augusto Meyer) do *Bouvard et Pécuchet*, de Flaubert, publicada na década de 1950 pelas Edições Melhoramentos. Talvez o mais divertido entre os romances do mestre, apesar de sua crueldade — ou principalmente por causa dela: a mediocridade afanosa, a disciplina do vazio, o itinerário entre aflito e ridículo de dois pequeno-

burgueses às voltas com o saber de seu tempo. Um estudo magistral da frivolidade e do desnorreamento diligente.

As Edições Antares estão distribuindo um importante ensaio de Telenia Hill, *O Trajeto da Imanência — uma Reflexão sobre José Paulo Moreira da Fonseca Pintor e Poeta*.

Remessa de livros: R. Davi Campista, 296/704 — 22261 — Humaitá.



jazz & rock

CANTORAS, DOS ANOS 30 À NEW WAVE

Roberto Muggiati

UMA feliz convergência promove um verdadeiro festival de cantoras nos últimos lançamentos brasileiros. Do lamentoso ácido de Billie Holiday nos anos 30 ao último grito da New Waver Debbie Harry, passando pelo *soul* de Aretha e pela dor de Yoko, oito álbuns recentes dão um fascinante mergulho no canto americano, versão feminina. O único LP histórico do lote, *Billie/Ella/Lena/Sarah* (CBS), no clássico formato quatro em um, tem a seu favor não apenas o fator quantidade, mas — e principalmente — a qualidade das cantoras, em suas melhores fases. E, de quebra, oferece um elenco de apoio insuperável: Billie Holiday



Billie Holiday

acompanhada por Lester Young nas famosas gravações de 1935-39; Ella Fitzgerald, também nos anos 30, com o *combo* de Teddy Wilson; Lena Horne, com outro pequeno grupo de Teddy Wilson, em 1941, época em

que brilhava no *Café Society de Greenwich Village*; e Sarah Vaughan em quatro faixas de 1950 (*Nice Work If You Can Get It*, *East of the Sun*, *Ain't Misbehavin'* e *Goodnight, My Love*) com *sidemen* fabulosos, entre eles (raridade) o trompetista Miles Davis. É o que o jazz tem de melhor numa das melhores antologias do gênero.

Quarenta anos depois, em plena forma, Lena Horne faz sucesso na Broadway num *show* que se prolongará até 1982. *The Lady and Her Music* (Qwest/WEA) é um álbum duplo com trechos ao vivo deste espetáculo em que Lena revive sua carreira e seus sucessos (entre eles sua assinatura, *Stormy Weather*) acompanhada por uma competente *big band* com a formação mais do que completa de quase 30 figuras.

Longe da atmosfera do palco, numa bem cuidada produção de estúdio, Sarah Vaughan surge com um novo LP, *Songs of the Beatles* (WEA). É o repertório clássico de Lennon & McCartney (re)visitado por uma cantora de jazz, embora os músicos acompanhantes de Sassy (exceção: Toots Thielemans na gaita-de-boca) estejam mais para a corrente *funk/fusion* e embora os arranjos de ritmo, metais e cordas, por Marty e David Paich, tendam mais para o *pop* convencional, estilo 80. Não é uma gravação para fazer história, mas os que curtem Sarah e, do outro lado, os que curtem os Beatles, não têm do que se queixar — sem falar na colher de chá para os brasileiros: a participação de Marcos Valle na única faixa de George Harrison, *Something*.

Aliás, o *gimmick* das participações especiais está pintando como uma nova



Sarah Vaughan



Debbie Harris



Yoko Ono

técnica encontrada pela indústria fonográfica para enfrentar a crise. É o caso da atuação de George Benson na faixa-título do novo LP de Aretha Franklin, *Love All The Hurt Away* (Arista/Ariola), em que Lady Soul volta com força total num repertório típico, com acompanhamento idem — tudo destinado (esta é a sua fórmula do sucesso) a realçar os seus portentosos dotes vocais. Uma faixa homenageia os Rolling Stones, *You Can't Always Get What You Want*, com uma vibrante interpretação de Aretha.

Menos comprometida com a religiosidade de Aretha, Tina Turner aparece no pólo mais sensual do *soul*. Em seu último álbum, *Rough* (Ariola), ela percorre com o fogo de sempre o território já conhecido, apoiada num pequeno grupo *funk* e num coro feminino. E se Aretha apela, no seu novo LP, para um percussionista brasileiro, Paulinho da Costa, Tina não deixa por menos: para o seu *Rough*, convocou Airto Moreira.



Tina Turner



Stevie Nicks



Lena Horne



Ella Fitzgerald



Aretha Franklin

Elementos da música negra como o *soul* e o *funk* estão de tal maneira presentes na música *pop* branca americana que sua influência se tornou quase imperceptível. Uma verdadeira amálgama de correntes — do *blues* ao *country*, da *bossa* ao *reggae* — se efetuou na *pop song* dos anos 70 e hoje fica muito difícil separar em suas partes constituintes este verdadeiro quebra-cabeças musical. É o que se nota, por exemplo, no trabalho de cantoras da linha Carole King/Carly Simon/Melanie. E é nesse estilo que se insere Stevie Nicks, cantora/compositora do grupo Fleetwood Mac, agora estreando num álbum solo, **Bella Donna** (Modern Records/WEA). Stevie, canta bem, é uma compositora competente, seu disco está em 5.º lugar nas paradas, mas nada disso impede uma sensação de monotonia e *déjà vu* ao longo das dez faixas do seu LP.

Não é bem esse o caso de Debbie Harry, a musa do Blondie, outra que inaugura

sua carreira solo, com **Koo-Koo** (Chrysalis/RCA). Acompanhada do inseparável Chris Stein, na guitarra, ela se apóia muito, neste seu primeiro álbum, nos talentos do compositores e instrumentistas Nile Rodgers e Bernard Edwards, embora — de parceria com Stein — também tenha composto algumas das faixas. A exemplo do último LP do Blondie, *Auto-american*, o trabalho de Debbie Harry em **Koo-Koo** é deliberadamente descartável, e talvez nisso ela seja realmente a representação mais fiel do modismo do *rock* conhecido por *New Wave*. Contra arranjos vibrantes (os metais estão envenenadíssimos), Debbie joga sua declamação impessoal que parece evocar um monólogo sonambulístico típico das antiutopias robotizadas da ficção científica.

Numa faixa lenta como *Now I Know You Know*, Debbie lembra particularmente (sem o sotaque) a proto-*New Waver* Yoko Ono, que também estréia,

com seu primeiro LP após a morte de John Lennon, **Season of Glass** (Geffen/WEA). Todo julgamento sobre Yoko tem sido até hoje mais emocional do que musical e essa tendência é inevitável neste álbum feito ainda sob o impacto do assassinato do ex-Beatle. Para muitos, este esforço de Yoko poderá parecer frio e egoísta: poucas mulheres teriam, como ela, estrutura para transformar os quatro tiros daquela noite de dezembro em epígrafe sonora de uma das faixas (ao todo 14, todas com-

postas por Yoko); ou ousar uma cândida gravação do filho Sean lembrando John. Mas o *show* continua. Yoko cercou-se do melhor produtor (Phil Spector) e dos melhores músicos do estúdio (entre eles o saxofonista Michael Brecker) e fez um disco que é o seu depoimento sobre a tragédia do Dakota — matéria que, como tudo o que ela faz, continuará se prestando a apaixonadas discussões.



espaço

UM VAZIO NO UNIVERSO

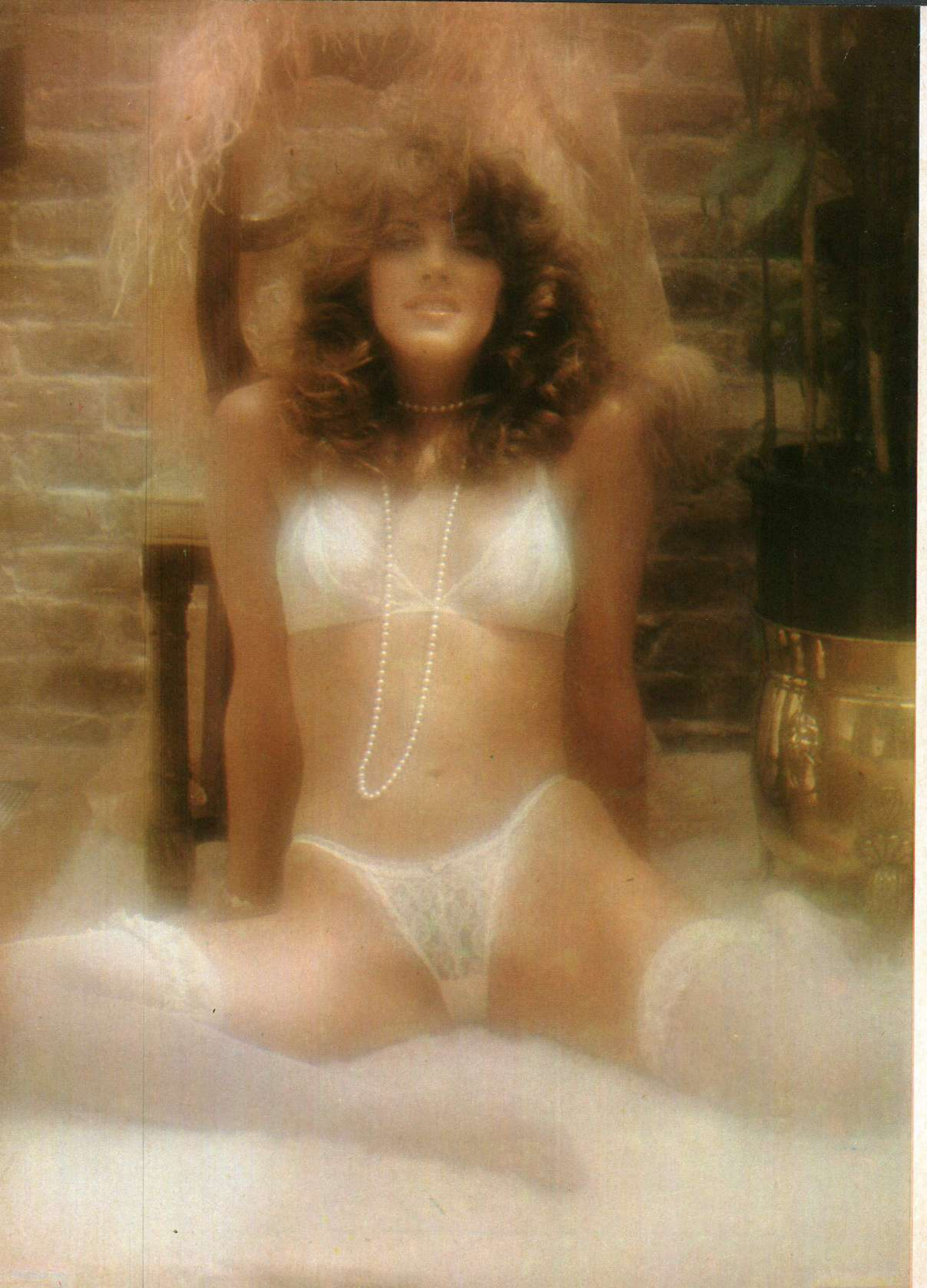
Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

A PÓS a revolução copernicana, poucos são os que imaginam que a Terra ocupasse uma posição especial no universo. Essa descoberta filosófica, embora tenha sido estabelecida pela primeira vez por Giordano Bruno, recebeu a denominação de *princípio copernicano* em homenagem a Nicolau Copérnico, que defendeu o heliocentrismo em oposição às idéias geocêntricas de Ptolomeu.

A descoberta de bilhões de estrelas semelhantes ao Sol e milhões de galáxias análogas à nossa Via-Láctea contribuiu para que tal princípio fosse aceito como uma verdade científica. Posteriormente, com a descoberta do movimento de fuga das galáxias, em 1929, e, em consequência, a elaboração

da teoria do universo em expansão, os astrônomos foram capazes de desenvolver uma idéia muito poderosa — o *princípio cosmológico*, segundo o qual o universo é homogêneo e isotrópico.

Por homogeneidade, consideramos o fato de que todo observador tem a mesma imagem do universo em qualquer tempo e em qualquer lugar desse universo. De acordo com tal hipótese, se uma avançada civilização, situada em outro lugar do universo, viesse a nos transmitir seus conhecimentos cosmológicos, sua informação seria inútil em virtude do tempo decorrido entre a observação e o recebimento de sua mensagem. Assim, conclui-se que a nossa própria observação será o único meio para testar um modelo cosmológico.





Danielle

Fotos de Bob Guccione

Copyright 1981 Penthouse International Ltd.

A Gata do Ano (*Pet of the Year*) da revista *Penthouse*, Danielle Deneux, foi cultivada nos canteiros da Flórida, onde vez por outra ela salta de seu luxuoso Gazelle para visitar a família. Mas é em Nova Iorque que ela se sente mais à vontade, sobretudo ao lado de Bob Guccione, que a conhece desde o outro carnaval — perdão, desde o ano passado, quando a escolheu para Gata do Mês (*Pet of the Month*) da edição de junho.



Quando retoco
minha pintura,
sinto-me um pouco
artista do
Renascimento,
embora meu
estilo busque
emoções fortes





“
Do jeito que
todos me olham
quando estou posando
para fotografias,
sinto-me a pessoa
mais importante
do mundo
”





ela
ele

ELE ELA — DPF/CCDP-241.P.209.73 — DIRETOR EDITORIAL: Justino Martins. DIRETOR EXECUTIVO: Lincoln Martins. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. REDAÇÃO: Leo Borges Ramos. DIRETOR DE ARTE: Aúreo Abílio. FOTOGRAFIA: Gervásio Baptista, Isabel Garcia e Indalecio Wanderley. PRODUÇÃO: Louival Bernardo. SERVIÇOS EDITORIAIS: Celso Lyra. DEPARTAMENTO COMERCIAL: Expedito Grossi. PUBLICIDADE: David Klaimic e Roberto Antunes. RIO DE JANEIRO: Osmar Gonçalves e Paulo Cesar Lo Bianco. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804. Tel.: 265-2012. Telex: (021)21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021)27751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda. — Rua do Resende, 100 — Tel.: 221-3022 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. COMERCIAL — Décio Bittencourt. REDAÇÃO: Alexandre Garcia (chefe) — Setor de Indústrias Gráficas, Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 223-5410 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schwartzman. Administração: Arnaldo Vitulli. PUBLICIDADE — Antônio Nigro F.º. CASA DA MANCHETE: Av. Europa, 21 — Tel.: 282-3122. Telex: (011) 32763. BLOC BR. MINAS GERAIS: Aldo Braga — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tel.: 226-6677 e 226-6554 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallat Junior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tel.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. NORTE NORDESTE: Fernando Câmara Cascudo — Av. Dantas Barreto, 496 — 2.º e 3.º ands. — Tel.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. BAHIA: Natan Reis — Av. Antônio Carlos Magalhães s/n.º — Centro Empresarial Igualtemi — Módulos 202 e 203 — 2.º pav. — Bloco A — Tel.: 224-3489 e 224-3581 — Salvador — Telex: (071) 1214. PARÁ: Rua Campos Sales, 268, conj. 901 — Tel.: 22-6845 — Belém. PARANÁ:

José Schiapak — Rua Mar. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 24-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha — 488 Madison Avenue — 5th floor — New York — NY 10 022 — Tel.: (212) 751-6605 — Telex: (23) 224440. BLOCH UR. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 4, Place de la Concorde — Paris, 8ème, França — Tels.: 742-6174 e 742-8749 — Telex: (42) 280240. MILÃO: Daisy Benvenuti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Itália — Tel.: 87-4007. TOQUIO: Angel Esteves Dominguez — 1-10-11 - Higashigotanda — Shingawa-Ku — Japão — Tels.: 445-4375 e 445-4383 — Telex: (72) 28736.

• Assinatura anual para o Brasil, Cr\$ 2.560,00. Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A. — Rua do Russell, 766 — CEP 22.210 — Rio de Janeiro (RJ). Nos números atrasados, o valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas. Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista.

Auditoria da
Circulação
Price
Waterhouse
AUDITORES INDEPENDENTES

MONDAINE
QUARTZ

A perfeição natural do universo
marcando o seu novo tempo.

MONDAINE QUARTZ



M  NDAINE

Produzido na
Zona Franca de Manaus

TECNOLOGIA ELETRÔNICA SUIÇA





Carlton. Um raro prazer.

Qualidade Souza Cruz